

RA-BOIS

PERSONAGEM



CAMINHAR

A

POEMAS

INICIAÇÃO AO  
TRABALHO

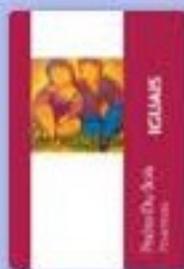
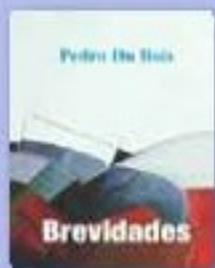
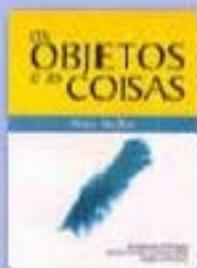
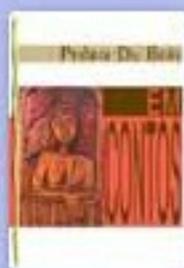
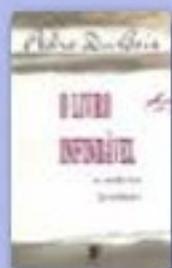
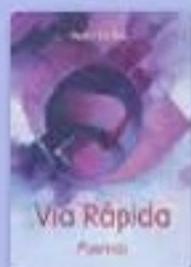
INDETERMINAÇÃO  
DA  
CERTEZA

O DIA EMPEDRADO

SOBRE LEITURAS e  
DESSENTIMENTOS

SOB(RE) O MELHOR  
DOS MUNDOS

Pedro Du Bois



# POEMAS

Pedro Du Bois



Projeto  
Passo Fundo  
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)  
e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Seleção dos poemas, capa, projeto gráfico e revisão: **Tânia Du Bois**

D815p Du Bois, Pedro

Poemas [recurso eletrônico] / Pedro Du Bois.  
– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.  
2,65 Mb ; PDF.  
ISBN 978-85-8326-195-7

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

poemas são dedicatórias  
(desde sempre)  
entregues aos leitores



## SUMÁRIO

9	CAMINHAR
33	INICIAÇÃO AO TRABALHO
57	<b>PERSONAGEM</b>
79	O DIA EMPEDRADO
103	SOBRE LEITURAS E DESENTENDIMENTOS
129	<b>HABITAR</b>
147	<i>SOB(RE) O MELHOR DOS MUNDOS</i>
179	A INDETERMINAÇÃO DA CERTEZA



## A PALAVRA NUA

O desassossego de pensar busca o resultado de um possível entendimento sobre o objeto estudado. E uma poesia que a isso se disponha também há de fazer o leitor desassossegar-se, acostumado que é a ter na poesia apenas a busca de um deleite, um consolo, uma distração, o que é dizer um comodismo. A palavra que este livro nos dá, apesar de objetiva e racional, não se desfaz num tipo de discurso simplesmente “seco” e, assim, desprovido de alguma “magia”, mas, ao contrário, encerra um enredo de enredos que no leitor cheio de vontade há de provocar perguntas radicais sobre o que ali se diz e sobre as possibilidades de interpretação, já que no caso em questão, a poesia deste poeta, esta palavra corre através de construções nada óbvias ou, de outra forma, óbvias num sentido alto de significação, portanto trabalhosa de se lidar. A meu ver, este é o incomodo essencial que nos pode fazer pensar especialmente em como temos nos lido (nossa subjetividade), como temos lido o que chamamos de mundo e, enfim, o que temos concebido como poético.

O presente livro nos convida a isto, ou seja, a esta demora em raciocínios e decifrações de lógicas (caminhos) que não se resumem a meramente raciocinar, já que se trata de poesia e daquilo que desta matéria esperamos, o prazer (ou a ilusão) de domá-la, enquanto leitores. E ao motivo desta luta não se credite algum ardid do autor, como o de imaginar que ele apenas nos armadilhe em sutilezas e sutilezas, embora nós mesmos possamos (querer) cair nesta forma de percepção, pois isso no livreria do ato de trabalhar sobre o que ele nos propõe: percorrer tais sutilezas e, unindo decifração e imaginação, poderemos chegar à fala do poema.

Comum ao que o poeta sempre se dispõe, este livro também se mostra orgânico no seu todo e, a cada poema, debruçado sobre uma ação e ao que nela se mostra como um jogo de claro-escuro. E, como espanto que nos pode ser, damos de cara com palavras muito utilizadas na vida em geral, mas que, postas na sentença do poema, tornam-se um desafio de interpretação, já que seus significados dependem de uma leitura voraz, ou seja, do trabalho mesmo de “desbanalizar o banal”.

O encanto que comumente buscamos num tipo de poesia mais sentimental ou de outra qualquer (fácil) natureza, aqui se dá por um “queimar de neurônios” em busca dos segredos que os percursos dos poemas nos impõem. Mas não se imagine tais segredos como uma forma de criptografia egoísta. O livro que adiante se abre é um convite à descoberta do estranho no habitual. Como diz seu autor, “Levei anos para descobrir / minha estranheza diante dos fatos.”

**Webston Moura**

**Poeta**

---

# CAMINHAR



1 Premeditação: nasce em pecado  
faz da travessia  
pesada cruz.

Sofre no aprendizado  
a tragédia inerente  
à sua condição.

(o esquecimento como trégua na luta  
indesejada da acumulação material)

Conforta saber da perdição  
originada no momento sôfrego  
em que corpos se entrelaçam.

2 Presente na origem contestada  
e no desenvolver inconsciente. O animal acasalado  
expulsa demônios de terras não aradas.

Vê e compreende a necessidade  
do desejo.

Percebe o perigo e vai adiante  
onde esteve no tempo  
indiferente: a fome atravessa  
a terra onde se embrenha.

3 A solidão turva o olho. Bando  
concentrado na presa. Apressa o passo:  
a fome dirige o pecado.

Tem a água  
e o fogo. A pedra  
e o osso.

Não pensa o pecado  
e o mal se acomoda  
na sobrevivência.

4 Olha ao redor. O cheiro no gesto  
do reconhecimento. Está com  
quem conhece.

Relaxa o corpo e dorme: o sonho  
não acrescenta cenas futuras.

Flutua espaços inconquistados  
na imensidão das águas  
escondidas sob a pedra.

Acorda e concebe a fome.  
Caçador e caça. No equilíbrio  
sustenta o primórdio da crença.

5 Diferencia o acompanhante do intruso.  
Distingue o cheiro a vista o tato.

O gosto acre do sangue  
coagulado em suas mãos.

Mãos empunham o castigo.  
Olhos contemplam o por do sol.

O frio acoberta corpos  
destinados ao progresso.

6 Assusta o pássaro. O urro retorna  
em gritos. Assusta reconhecer o outro  
na igualdade. A desigualdade  
na aproximação em corpos cansados  
das jornadas. Sabe da vida  
o necessário à fuga e ao silêncio.  
O segundo passo predispõe a sequência.

7 Cessa a caminhada.  
Aguarda a partida e retorna. Busca  
no solo os passos. Reconhece  
o verde e o barro. O animal  
é o assédio a ser contornado.

A solidão extingue  
a vida em retrocesso.  
Traz a outra. Tem com a outra  
o instante necessário (corpos  
pedem contatos). Penetra  
a carne e a recebe em vontade.

Há vida na repetição. Rompe o cordão  
em desespero. O choro interrompe  
a extinção da espécie.

8 Do passado e retira  
a culpa. Sem remorso busca  
no presente o inconsciente ato.

Secciona a lembrança: em algum  
espaço registra o tempo anárquico  
do acontecido no caos improvisado  
e na ordem aculturada do ser  
submetido ao medo: a morte  
é espera  
e mestra.

9 Preda a terra. Cata.

Coleta.

Carrega o indispensável.

Levanta e colhe  
da árvore o fruto  
do arbusto a flor.

Abaixa-se e cava  
a raiz amarga.

10 Escuta o choro adulto da outra.  
Pequeno outro imóvel.

O movimento não percebido desafia  
o espaço. A decomposição  
afasta a vida.

O choro cessa na trajetória.

(A memória aguarda  
a lembrança).

11 Em volta o terreno se parece  
com o começo. Início e fim.

O círculo caminhado. O raio concebido  
na inoperância. Urra o reconhecimento:  
voltar é o indelével saber da perda.

12 A diferença entre eles. O cão acompanha  
os passos. Reconhece. Late a aproximação  
e uiva a noite. Cães se oferecem.

Observam os cães  
que os acompanham: cães são comida  
sobre a pedra: não latem  
não uivam.

A noite se faz noite.

13 Pronto ao gosto adocicado  
do lamento. Acre ácido acero  
desgosto do sacrifício. O tempero  
traz deuses necessários em oferecimentos.

Foge do ritmado bater das pedras  
e lança ao espaço o galho.

Arremessa o corpo  
no princípio: espera  
a resposta além do gesto.

Deuses não saciados: a repetição  
mantém o nível  
do não constrangimento.

14 O outro desconfia do sacrifício.  
Sem gritos sem gestos sem o silenciar  
do confronto busca a bifurcação.

Descruzados caminhos  
permitem a segmentação do bando.  
Leva a esperança feita em outro corpo.

Desconfiar faz a ponte  
entre a credulidade e a consciência  
na irreabilidade confrontada ao sonho.

15 Está junto  
(pela mão leva o outro  
desconsiderado inimigo)

fornece a pista: indica  
o trajeto mais curto. A estrada  
deixada pelo caminho permite  
o reencontro. A fome sofrida  
no desconhecimento do destino.

16 Pode esconder-se em curvas  
além do trajeto: objetos protegidos  
na intromissão da história  
repetem fatos. Ao redor do fogo  
queimam interesses.

Joga a terra e cristaliza  
em areia o momento.

Sabe na transformação  
da essência do objeto.

17 Mede palmos. Há medo. Receia  
o encontro: adivinha o que se esconde  
no entrevistado.

À frente busca o exterior  
do todo. A tangência.

(A fome se desdobra em sede: cede  
ao cansaço e adormece).

Na medida exata da confluência.

18 Na oralidade o som ecoa a verdade.  
Trancafia a palavra em signos. Sinaliza  
o logo e o após. Comprime o significado  
no reduzir a paisagem ao elemento.  
Experimenta os pés como asas. Aventura  
o corpo ao espaço. O pássaro solto em ares  
despeja o grito. Encoraja a independência:  
raça e coragem

19 A descoberta  
na idealização da viagem sobrepõe  
no método o uso. Acostuma  
o espírito ao delírio. Alimentada  
a criatura desdiz pecados: a gula  
ressurgente e o imediatismo  
fazem descansar o corpo  
à sombra.

Seguir em frente significa  
deixar o consentido: a imitação  
da mente no desatino  
de se fazer indiferente.

20 Prende-se com a lança  
Abre caminho entre feras. É a besta  
acidentada no trajeto. Mata.

Pode com sua presença  
ser raiva  
e ódio.

Pudesse ser o silêncio.

21 A luz que ilumina a intuição.

Onde coloca os pés.

Onde fixa os olhos. Descobre  
o destino na paisagem e se diz  
ciente da responsabilidade. Apaga  
a luz e aproveita  
da escuridão  
o pouco.

22 Sente ser objeto na trajetória  
repleta das mesmas coisas. Pássaros  
repetidos e o reflexo. Esquece a sede  
e bebe da água o contido na descida.

Reaquece o corpo  
na mineralização  
do afeto. Pedra  
e limo. Queda livre.

23 Estar ausente não o absolve.  
A culpa remanescente retira do espírito  
a paz. Guerreia suas tormentas e fenece.

O escurecer protege a vista da paisagem.

Restam sombras  
do acontecido. Não  
estava presente.

24 O amor lembrado  
é dor continuada. Ficar  
justifica a origem e o destina  
ao primórdio. A família constituída  
com carinho. O amor  
emparedado em descendência  
ressoa ordens não cumpridas. Continua  
a jornada e se apresenta em ausências.  
É lembrado.

25 Através da porta a madeira  
assume o gesto do reencontro.  
Volta. Está além do retorno  
e tem a frigidez do corpo  
desacompanhado. O medo  
impele a mão que toca  
a madeira. A solidão ecoa  
o passado. O futuro é o estrondo  
com que a chave é girada.

26 Antes que esqueça relê o conteúdo.  
Notícias habitam o desespero. O pedido  
entronizado  
na fera.

Reafirma o passo e se distancia.  
Sobre a mesa a carta espera  
a leitura.

27 Negativa: ficar proíbe  
a vida ao destino. Olha através  
da tela. Manuseia as fotos. Lê  
instruções. Decora manuais  
com que viagens mentem  
lugares visitados: eleva a catedral  
e a ponte. A imobilidade  
do castelo na movimentação  
das flores.

Fica e arvora ao tronco  
o coração e a flecha.

28 Desculpas justificam  
o ato penetrado. Não antecipam.  
Não se materializam em panos  
quentes sobre palavras ásperas.

A desculpa é objeto  
internalizado no corpo  
em movimento.

29 Na volta – como retornam migratórios  
pássaros – conta sobre a viagem  
o bastante para interessar passos  
nos mais jovens e assustar pés  
nos anteriores.

Contar é antecipar  
a caminhada e recomeçar  
o trajeto ao outro lado.

30 Na pretensão do desencontro  
utiliza forças desnecessárias:

o refluxo e o gesto  
inercial do submerso.

Reforça em medos a solidariedade  
e ajuda o instante a se transformar  
no extremo da impropriedade.

Caminha na lateralidade  
onde lembra o centro  
e o começo. É tarde.

31 Perdoa a insignificância  
da localização e se diz  
disposto  
ao barulho: a natureza  
enreda o espírito  
no contrato. O som  
embebeda o sentido.

O corpo deita e relaxa  
o músculo do instante.

32 Repisa passos  
ao contrário  
- na direção oposta –  
do seguimento: fica  
sobre a terra conhecida.

Onde o desconcerto ocorre:  
cessa a busca  
no convencimento  
da permanência.

Apaga na trilha  
o espaço ocupado  
em cada passo.

33 Órfão da terra  
invade o espaço da permanência.

Fica no fato não consumado.  
Segue olhos atentos em lembranças.  
Ouve o verbo conjugado na calada  
hora da desventura. Não conta  
sobre o regresso: avança  
a história e a desfaz em gestos.

34 Talvez possa  
parar  
e descansar.

Talvez pudesse  
não ter de ir  
a nenhum lugar.

Talvez caminhar  
seja apenas  
caminhar.

35 Escolhe a caminhada:  
pensa o quarto e a cozinha  
a cozinha e a sala  
a porta da frente  
a ida ao banheiro.

Espia o caminho através  
do jardim.

O portão. A rua.  
O outro lado da rua.

Esconde a vontade.  
Senta no sofá  
e liga o televisor.

36 Alguns escalam montanhas submergem  
mares sobem em árvores espiam  
animais em florestas voam espaços

outros consideram a força dos ventos  
e se lançam em precipícios

abreviam a caminhada  
e são esquecidos.

37 Acordado: a madrugada é leve  
e a cama pesa o corpo. Recolhe  
na leitura a obviedade da vida onde  
se encontra de passagem: caminhar  
é colocar a paisagem em movimento  
até cansar os olhos e na distração  
do cansaço perde o rumo. Caminhar  
é desanimar  
em consequências.

38 Andarilho: caminha a vida  
sem importância  
geográfica. Está  
no lugar permitido  
aos passos (sem  
pressa ou agenda).

Peregrino: o descaminho induz  
a culpa. O remorso  
avança o corpo  
em descompasso.

39 Desencaminha o assunto entre vírgulas. Explica a situação e se faz refém da imagem.

Quando dizem que passou  
por aqui sabe que o perseguem.

Caminhos se cruzam  
ao acaso. Pelo menos a caça  
sabe ter companhia  
na distância que se encurta  
e não lhe interessa.

40 A casa se faz perto: na singularidade dos atos reza aos deuses. Atendido em parte. O parto do rato pela montanha na sucessão dos atos. Está perto.

A verdade  
retirada da ilusão  
do sonho. A casa acorda  
o corpo ao regresso.

41 Muitas vezes multiplica o trajeto.  
Muitas vezes abdica do resultado.

Na retirada o revés  
se apresenta como experiência.

Não é bem assim: perder  
o passo é mais que as muitas  
tentativas de fuga.

Muitas vezes jura a si mesmo  
a saída: tantas vezes a incapacidade  
tolhe seus passos. Joga a chave  
fora e se mantém como hóspede.

42 Como inimigo trava a batalha.  
Sabe da inutilidade: grita protestos.

Estar consigo é o caminho árduo  
de todos os dias. Caminhar  
apertado ao corpo. Sombra.

43 Antes do próximo amanhecer  
estará fora. Longe é o destino  
de quem se esforça em liberdades.

A liberdade é caminhar  
continuado entre terras ocupadas  
em títulos oficiais. A terra  
arada gado árvores  
homogêneas. Pássaro  
entre nuvens baixas.

O mar se abre  
em oportunidades oceânicas.

44 Conhece alguém que conta histórias  
mirabolantes de terras desconexas: não  
pergunta se ao norte.

Desnortado senta  
e acende o último cigarro.

Caminhar é cansar o corpo  
ao quase nada. Gastar a sola  
por menos que nada.

Caminhar é inconstitucional  
último da jornada.





# INICIAÇÃO AO TRABALHO

1 O exemplo determinado  
ao fato –inaudito - repele  
a mão do feitor. A liberdade  
temporária na indefensável  
manobra de arrependimento: não  
se pertence. Obreiro determinado  
no que não lhe ocorre  
escorre pelo corpo o suor.

2 Desde criança  
sabe do atrevimento no abordar  
o motorista e o carro. Estender  
a mão e entregar  
ao pai à mãe  
ao padrasto  
ao irmão  
ao chefe  
o saber acumulado  
em pouco dinheiro.

A dor não repartida em fome  
de noites mal dormidas  
na subserviência e medo.

3 Brinca inocências. Joga ao alto  
a bola ultrapassada.  
Dribla e arremessa.  
Rebate e bate.

Apanha na luta  
durante o recreio. Chora  
mesmices.

O objetivo da revanche  
no primeiro estágio da revolta.

Trabalho  
recém-começado.

4 Não se aconselha com os mais velhos.  
Cala sua indiferença e arma no passo  
a passo  
o retorno.

A força empregada fosse fera: a pedra  
arrancada descreve arcos.

Trabalho feito.

5 Esconde nos bolsos repletos  
de aventuras o cheiro  
do cigarro: o primeiro gole.

Mente o sortilégio dos inimigos dispostos  
a atrasar ações  
no mundo passado em esquinas.

Contraí os músculos da face  
no ritmar a respiração  
na fala: mente.

6 Na descoberta da rua fecha  
com cuidado o portão. Deixa  
o cão do lado de dentro.

Adentra ao mundo e atinge  
o meio da rua. A metade  
conquistada no receio  
de ser chamado de volta.

Retorna ciente do ambiente.  
Mente aos deuses o desejo de ir  
embora.

Anoitece. A cama é repositório  
do espírito avizinado em sonhos.

7 Teve a primeira experiência.  
Na segunda vez o medo foi forte.  
Na terceira sabia o caminho.  
Virou rotina.

Não se habitua com batidas policiais  
nem com cães sedentos de sangue  
nem em fugir.

Resiste. Morre.  
(Alguém fica com seu lugar).

Trabalhos executados  
à queima roupa.

8 Escrevem letras.  
Desenha traços.  
Digitam números.  
Diverte-se com figuras.

Falam estranhas línguas.  
Pensa deuses e heróis.

Contam sobre exóticos países:  
sente medo.

9 Acorda com fome  
e busca na cama vazia  
o alimento.

Está sozinho  
e com fome  
do que não lhe é oferecido.

Chora a angústia  
e na solidão alimenta  
o sonho desfeito.

10 Automatizado  
o gesto  
se repete: a instrução  
destrói  
a espontaneidade.

A música refaz  
o espaço. O trabalho  
recomeça.

11 Quando falam em trabalho  
não sabe responder: disponível  
para a vida em todos os dias  
no máximo permitido. Trabalhar

é oposto  
avesso e transverso  
caminho: tenta  
eximir-se. Ora.

Espera dos deuses a definição.  
Quando falam em trabalho  
desconversa.

12 Oferece seus préstimos: carregador  
engraxate  
limpador  
menino de recados

(mula).

13 A madrugada é o despertador.  
O alvorecer como trajeto.  
A manhã no objeto.  
A tarde seu retardo.  
A noite sua revolta.

14 Dorme: sentimento abjeto. Reinicia  
as tarefas: em si desdobra  
o tempo: fome e sono.

Dorme é acorda do avesso  
o faz igual  
ao anterior: a fome  
configura a parábola.

Em hiperbólico discurso desmerece  
a raça. Dormir e não acordar  
para todo o sempre.

15 Reflete o desacompanhado

- está só e se faz  
inteiro no estertor.·.

Tímida forma avança no espaço:  
desacompanhado sabe do trajeto  
e o percorre em traço e desenho.

- Está consigo e se faz surdo  
conduzido ao nada.

16 Quando precisa tem a mão amiga  
no infinito da oportunidade.

Fechado no desaproveitamento  
da vaidade interna-se rebento  
rebelde e pródigo.

Negócios dispensam acompanhamentos  
e vendas vedam os olhos.

A mão amiga na comprovação  
do vazio: futuro anunciado como pecado.

O lucro corrente ecoa sinos desabalados.

17 Por merecimento recebe a vaga. Agora pertence à estrutura cega da hierarquia: responde sobre assuntos da companhia.

Rígido horário de chegada.  
Flexível horário de saída.  
Sempre que é preciso fica outro tanto.

Pertence ao clube da formalidade.  
Vestido de acordo com a solenidade.

(Lanche e a obrigatoriedade dos sapatos limpos).

18 Pelo termo técnico empregado verifica não ser a magia o negócio da casa:

sem monstros  
mares  
ares  
labirintos: descansa bastante antes do batente.

Atrasos não são perdoados.

19 Na manhã vai até perto da escola.  
Não entra nem volta para casa.

Desígnios se apresentam em etapas  
intercaladas: na manhã descobre  
a ausência na essência.

volta para casa na hora de sempre.  
Está com fome.

Não tem medo: a liberdade  
resguardada  
no silêncio.

20 Refestelado no emprego  
vê ser retirada sua cadeira.

Fim de festa: desempregado  
perambula.

A experiência é o todo  
desolado dizem do alto  
da escada.

Aceita o emprego oferecido:  
pagam pouco.

21 Dizem da profissão mais antiga  
das mulheres: o padre  
o pastor  
o clérigo  
a autoridade

nada falam sobre homens  
no emprego da força:

forçar o ser a praticar  
o ato e pagar por isso.

22 Fruto da imaginação  
(sonhos infantis)  
desliza o corpo ao perigo:

prende o vapor  
no espaço

prende a alma  
no espetáculo.

Não se desprende e do alto observa  
a vista cansada do transeunte. Imagina  
(sonhos adultos) o tempo necessário  
ao desconhecimento.

23 Ao tempo necessário é concedido  
a graça do começo. Não uma semana  
ou duas. O espaço integral da oferenda:  
a energia concentrada fragmenta  
além do núcleo observável.

Diversas dimensões entrelaçadas  
na intercalação do nada: a matéria espúria  
das derrotas no sentir inerte da revolta.

Necessário o reconhecimento da família  
e dos negócios no fragmento estanque  
sobre a porta.

24 Entre sapatilhas  
sapateados  
pés descalços: revolve o corpo  
ao encontro do sentimento.

(comunga a dor do esforço).

Ergue os braços em acolhimento  
e curva o corpo aos aplausos.

revisita o espaço desamparado  
e se desconhece: sapatilhas  
sapatos  
pés descalços.

25 Para isso adestrado:  
animal preparado para o salto.  
Galope. Trote necessário  
para não desarrumar a carga.

Por isso ensinado  
sobre truques e magias.

O arco em fogo  
a corrida  
o salto.

26 Apresenta a documentação exigida  
junta a carta recomendável.

O patrocínio submete o raciocínio  
no desvão do mérito. Oferenda  
ao deus tragicômico: desmerecido  
senhor que cobra os ingressos.

Aos seus pés estende  
flores singelas  
na indiferença.

entre documentos ressalta  
o histórico. Mente o acontecido  
em elástico tecido de memória.

27 Pronto ao sacrifício. O risco  
do desempenho disfarçado em máscaras  
seca o rosto. O recurso das mãos  
dentro dos bolsos. Olhar  
esvaziado de importância no altar  
da passagem. Sacerdotes atentos  
ao momento. Maroto sorriso.

Sacrifício ao nada do retorno.  
Glória financeira oferecida  
em pagamento de dívidas.

28 Procuram elemento do sexo masculino.  
Jovem de boa aparência. Com menos  
de vinte e cinco anos. Escolaridade  
média. Solteiro ou descasado.

Que durma no emprego. Saiba cozinhar.

Trazer referências e duas fotos três por quatro.

29 Noite: retorna exausto. O banho  
o lanche a televisão ligada.

Na conversa diz estar exausto  
mas sem sono. Diz boa noite  
e troca de canal.

Noite: defronte à janela debruça os olhos  
ao dia seguinte. Chora.

30 A ilusão é elemento filtrante: realidade  
anteposta à dúvida na certeza do infinito.

O dia chega ao final  
no barulho dos automóveis  
    ônibus superlotados  
    filas  
    congestionamentos.

O corpo cansado em casa.  
O filho chora o sustento. A mulher  
lamenta a comida fria sobre a mesa.

A ilusão filtra na realidade o confronto  
e o transforma no filme da madrugada.

31 Na irracionalidade imposta o desejo  
sob fogo cruzado repele o corpo.

Frio metal retém o fogo com que forjado.  
Retalha o início na loucura da jornada.

Agora: hora e espaço: utiliza o arrazoado  
mesquinho da peçonha: cobra onírica  
em rebote  
ataca.

Frio metal aquecido na hora do combate.  
Na irrealidade a vida espera e crava a lança  
em si mesmo.

32 Projetado em sonhos retém o aspecto  
inusitado do trabalho: heroico  
hercúleo: vagos  
personagens misturam épocas  
e personagens.

A finalização da jornada: dia  
utilizado na sobrevivência heroica  
hercúlea  
da família.

33 Rasga o contrato: pétreas cláusulas  
de mais valia.:

Rasga o extrato: inertes lançamentos  
que nada valem.

Rasga o horário: divisão infame da jornada.

Rasga a vida em idas e retornos  
no trajeto igualado ao tédio.

34 Ciente do erro repete o feito:  
no erro repetido ressoa a liberdade.

Na despedida tem o abraço e o beijo.  
Errônea forma de se dizer  
vazio de acontecimentos.

O erro ressoa a saudade natural  
do esboço. E o traço.

35 Na manhã prometida a si mesmo  
não arruma a cama. Alonga o banho  
e da água sobre o corpo pensa o passo  
adiantado ao fato. Não toma café  
não morde o pão. Em jejum sabe  
o contexto esperado ao feito. Surrada  
roupa esconde o corpo. Deixa  
entreaberta a porta. Sai sem volta.  
Sai sem ideia remota de retorno.

Sobre a mesa o papel em branco.  
Como são as despedidas.

36 Refeito em drágeas desperta o dia  
seguinte: sua sina carrega  
o peso do prejuízo. Soam badaladas  
e se diz ingente esforço. Inicia  
o trabalho onde se perde. Sem cantoria  
e aplausos segue a linha em que desmonta  
repetidos ciclos. A promoção  
e a aposentadoria  
reluzem opacos  
futuros.

37 O primeiro ao nada: a suficiência  
do esforço  
recompensado  
nas contas  
a pagar.

38 Escuta o discurso. No gesto  
o que resta do caminho. O verbo  
acende o espírito da liberdade.  
Na promessa descrita em parábola  
antevê o futuro: a luz do holofote  
inunda o orador. A platéia estática  
aguarda o momento dos aplausos.

Acredita nas palavras e as guarda  
em garantia da cobrança.

39 Vidraça remendada: vidro espatifado  
relembra a direção da bola. Corre  
e se esconde entre as árvores. Logo  
escurece.

Vai para casa.  
O castigo guardado na entrada  
suspende o corpo ao martírio.

A bola furada no encerramento precoce  
da carreira. Quebrar vidraças é totem  
onde se resguarda o homem remendado  
em lembranças.

40 Coordenadas indicam o tormento:  
a latitude envolve os lados do teorema.  
Esforço desperdiçado em letras e números.

Inúmeros problemas decorrentes  
da longitude. Como se dizer além  
e acima das consequências.

41 Passos aéreos e o submerso espaço.  
O barco hiper-realista singra o sangue  
dos deuses afogados. Severos figurantes  
depredam a imagem. Nuvens e velas  
confundem o horizonte. Éditos condenam  
a decrepitude da pedra. O veio ressecado  
e o homem – em seus interesses – assiste  
a passagem do cometa. Comenta dizeres:  
o espaço corrompido surge no abrupto  
esvoaçar do minotauro. Após  
lágrimas cobrem faces e repetida  
fica a marca do trabalho. O início  
confunde o espaço.

42 Quando receber a autorização  
para a viagem guarde a lembrança  
da casa paterna. A imagem da mãe  
chorando sua despedida. A imensidão  
da terra despossuída: ir embora  
em busca do futuro atrasa a vivência  
do passado na desconsideração  
do voo cancelado: embora esteja  
satisfeito entenda o sofrimento.

Em volta da peça erga o muro  
e o grafite em dizeres amorosos.

### 43 Borboletas

cães  
peixes. O universo descoberto  
em etapas entrelaça  
o conhecimento não científico.

O bom senso coloca o senso comum  
na causalidade do universo.

Vê e observa a relva cobrir a terra:  
a força viva da natureza.

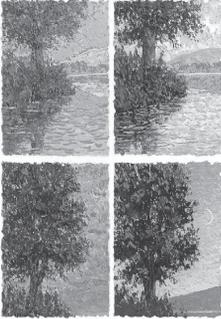
(O choro da criança antecipa a fala  
e o discurso demanda o poder abstraído).

44 Sensação de desabrigo e abandono.  
Iniciar o trabalho é se apresentar  
diante do mundo de forma  
transparente e ficar  
em obrigações no suor  
do corpo e cansaço da mente.

45 Inverso inverno  
internaliza regras.

Chega em casa (retorno)  
diariamente e se diz  
sincero em propriedades  
(contorno). Reserva  
a hora ao inaudito (estorno)  
com que se realiza de outra forma.

A iniciação está completa:  
o restante é sonho.



1 Alugo o corpo ao personagem  
e sou incorporado ao discurso plástico  
da inverdade. Sou deus e demônio  
personificados nas contradições. Besta  
e pomba. Homem despossuído  
de razões. A aparente calma precede  
a tormenta e a neve desce a montanha.

Sou outras gentes. Gentios  
e crentes. A platéia estática na ação  
do palco. O finalizar da música  
no arrastar das cadeiras.

2 Ser além do personagem  
o mito. História  
em sua criação na apropriação  
da ideia.

A luz ilumina o palco  
com palavras  
apostas no papel.

A aposta sobrevive ao instante  
da criação. A aposta se conforma  
ao espaço preenchido em oportunidades.

3 Repito o texto  
realizo o gesto  
materializo  
a palavra.

Permaneço.

4 Avesso ao comum  
imortalizo  
a cena. O aplauso  
contém o ressentimento  
da realidade.

Retorno  
e aprofundo  
a vida  
em verdades.

5 Transito o nada.

Antes e depois.

Durante permaneço

vivo. Flâmula e chama.

Deus descoberto no acaso

transito águas profundadas

de naufragos. Necessidade.

6 Mesmo que interprete

o personagem

sou ator que se apresenta:

em dupla face.

O personagem olha a platéia

(imersa na escuridão)

e o ator enxerga a platéia

(imersa na escuridão).

7 Certos personagens devem a fama  
por venderem suas almas  
aos demônios.

Certos intérpretes  
interrompem suas carreiras  
e se tornam marionetes.

8 Encantada a serpente se eleva no espaço.  
O mago interpreta o sonho  
do personagem atônito  
na platéia: sou a serpente  
elevada no final  
do traço.

9 Habito o personagem  
construído a partir  
do nascimento.

Alimento idiosincrasias  
e engolfo no mundo  
minhas inverdades.

Personifico a genética  
e a atravesso: sou rei  
e deus. Plebeu escolhido  
ao sacrifício.

10 Repilo com enfado a lâmina  
no faz de conta da desgraça:  
o frio do aço corta  
a quente carne: o bandido morre.

Refaço com engodo a lâmina  
trespassar o espaço: o sangue  
do malfeitor escorre.

Rearmo a mão que lança  
a morte: ao bandido cabe a morte  
desacompanhada.

11 Escondo a vontade na incerteza  
do espetáculo e aspereza do contato.

A pedra obstaculiza a passagem:  
estrangeiro personagem revistado.

O personagem é estranho  
no abstrair os fatos.

O cotidiano revisitado concede ao intérprete  
a naturalidade em que a artificialidade  
se esgota.

12 Não cabe ao personagem responder  
perguntas sobre o texto: contexto  
e entretenimento

o personagem é parte  
que se instala e flutua.

Não sabe o personagem das razões  
do autor: interpreta.

13 Certos personagens (adaptados)  
se perdem no enredo e o transforma  
em meandros performáticos.

O público assiste o abismo  
entre texto e gesto.

A platéia esvaziada  
ecoa nervosos risos  
fantasmagóricos.

14 Protagonizo a história  
(em cada página  
transpareço).

Incorporo a figura  
metódica com que o personagem  
é construído.

Adenso o texto: minimizo esforços.

A cena remete ao centro  
do palco no ângulo adverso do processo.

15 Antecedo a máscara e demonstro  
o ricto: a face amortecida da derrota  
plantada em subterfúgio. Cabe  
ao personagem entrever o plano  
no discurso escuso e se manter oculto  
em desprezo: volto ao início  
e o filho – agora crescido – é herói  
decantado em mágico destino. O filho  
personifica a continuidade que atrás  
da máscara sofre o enredo.

16 Na janela entreaberta  
encerro a conquista: o espelho repete  
repelido gesto:

(a personalidade contraposta ao engodo  
me transforma no acidente)

a janela escancarada  
remete a cena  
ao espaço.

17 Divido o quarto a mesa o prato  
divido o banho a toalha o sabonete

indivisível a vida perde o contato.

Divido a história o capítulo a fala.

Desço na última parada  
e meu personagem continua.

18 O rito da luz  
    ao degrau. Do altar  
        ao banco de trás.  
            O segredo.

O rito regride o personagem  
no mistério da desvelação.

A persona atraída pela chama  
queima sua individualidade.

O galo canta tantas vezes  
forem necessários seus cantos.

19 O malabarista arrisca suas laranjas  
sobre o corpo: vive o espaço entre sinais  
de trânsito. Transforma a espera  
em contexto: sorri a esmola.

No final da tarde come as laranjas  
junto com a família. O personagem  
consome o ato praticado.

20 Nascido aos dias tais de anos tantos.  
Crescido e estudado no colégio do bairro.  
Andei com pessoas sem muito crédito.  
Acreditei em sonhos e danças com mulheres  
de vida dificultada nas confusões da noite.  
Anoiteci cedo e incorporei a culpa  
por não ter nascido esplêndido.  
No esplendor da idade estava velho  
e em defesa procurei auxílio  
onde não restava: preso rezo  
a insuficiente desesperança.

21 A platéia iluminada observa o palco  
fechado em cortinas.

Ouvidos tentam captar o som  
inexistente. A fala inexistente predispõe  
o elenco não apresentado.

A platéia aguarda impaciente  
haver adquirido os ingressos:  
a voz anuncia o final do espetáculo  
e agradece.

22 - Senhor?!

- Diga!

- Com tristeza informo a morte da princesa...

(quem é esse não personagem que invade  
o texto e deturpa a fala)

(quem é esse não personagem  
recriado na história em outro texto)

(quem é esse novo personagem  
que refaz na morte a minha tristeza).

23 Ser eu e ao mesmo tempo o espaço do outro representado em choro e riso

(a gravidade da palavra enunciada em verdade no texto).

Divido o corpo ao gosto e realoco a alma em sentimentos antagônicos: descruzo o sentido.

24 O homem passa pela rua: olha a mulher com quem cruza.

Cruzados caminhos encaminham o texto em significado: o homem retorna e encara a mulher.

Personagens são alheios a olhares e soslaios.

25 Soldados recebem ordens  
para avançar e destruir  
matar e conquistar

a música em tambores ásperos  
indica a luminosidade da cena:  
no centro do palco o soldado  
explode a face em tiro certeiro

a luz permanece acesa  
e a música cessa.

26 Pode ser o trecho  
de amor e paixão  
no errar a inconsequência  
e renascer em espetáculo  
de músicas e danças.

O casal enlevado realiza  
em cena o sonho da vida  
(real).

27 No assunto esvaziado  
perdura a dúvida do espetáculo  
nos olhos escrupulosos dos atores.

Acreditam na próxima hora  
desfeita em sonhos de assentos  
vagos: espectros assombram  
os personagens.

28 Acolho a rosa.  
Escolho a rosa: tese e antítese do mistério.

A rosa resseca no vaso despossuído.

A cena se repete  
como praga.

29 Esquadro: moldura e tela.

A tinta preenche o espaço na vontade  
da representação encerrada em esquadros.

Nos olhos resultam  
detalhes: personagem.

30 É o personagem figura transitada  
em dúvidas: a divinização da espera  
na coragem de se dizer esperto  
em dias melhores.

Sou a sombra encanecida refletida  
na vidraça – pelo lado de fora –  
indo embora na imaginação  
tolhida ante o espaço.

Sou o eufemismo tratado no filho  
deserdado. Canto agônico profetizado  
e o não completado em letras disparatadas  
nos discursos recorrentes  
nas tormentas e areias.

31 Transito mistérios.

Meu nome desdita.

Figura esguia do reencontro  
em mim mesmo.

A pessoa atravessa a rua.

Entrevisto pela janela do coletivo.  
Enorme prazer em não me revelar.

O personagem redobra o cuidado  
e se afasta em nuvens na recordação  
provada da existência.

32 A metade principia  
o encerramento. Em ciclos  
permanece o personagem:

paisagem e passagem.

33 Tempos (assim chamados)  
dos fatores. Restam marionetes  
presas em cordões de enforcamentos.

Animais aculturados  
em jogos despreziosos  
no humor rancoroso  
dos carrascos: ao senhor  
cabe o exercício perdulário  
do regresso. Não resta  
nada ao aproveitado.

34 Habitado ao caos recolhido  
em fragmentos ressurgido poeira  
cósmica. Cômica ilusão da elipse  
terrestre e suas salvaguardas. Eternidade  
pronunciada em ondas reflexos e resíduos.

O personagem aborda o plano  
magnético e transborda o universo  
observável na ficção adotada em inverdades.

35 Não sou azar e sorte. A neutralidade  
despreocupada do suporte: força  
utilizada na execução da sentença.

Vida e morte.

Recomeço no personagem  
abissal do nada: torvelinho e paz.

Retirada.

36 Ouço o choro do recém-nascido  
e sei da sorte lançada em dia  
de águas curvas: na imagem  
sinto a dor da descoberta  
no embaralhar da construção:

sou nada e estou vivo  
na presença de quem sabe  
no nada a parte principal.

O personagem é o preço  
inercial da passagem.

37 No instante final do martírio  
o ferro corta o ar em silvos.

Na floresta resta  
a solidão do outono.

38 Do que é contado:  
a mentira jogada à água  
barrenta da barranca: resta o limo  
e o lume:

o escorregar do personagem tenta  
sustentar o corpo na seca terra

o lume  
anterior da fogueira  
enegrece sombras.







1 Ouço sua voz dizer da rotina  
e do cansaço. Digo da novidade.

Esconde as mãos sob as vestes.  
Desvisto a imagem.

Onde estamos é o dia  
da tranquilidade iludida  
em versos pela superfície.

2 De onde viemos diz do trajeto  
e demonstra pés em chagas. Lembro  
pedras ásperas entrecortadas.

Mostro minhas mãos alisadas  
e ternas da passagem.

Vivificamos recantos repostos em atos  
de empedrados sentidos. Inconscientes  
trazemos a imobilidade.

3 Habitamos a cidade em dezenas  
de anos. A estrada se faz descaminho  
de pedras limos em leitos.

Descobrimos o trajeto espiado  
do outro lado: mentira  
diz a voz  
na mentira  
que repetimos.

Em falsas promessas  
de desconfiança a voz se eleva  
em gritos de agonia.

4 O sol nos desabita em humores.  
Ressaltamos a vista no penhasco

longe  
sobre a água  
a pedra  
guarda.

O pássaro sobrevoa o horizonte  
na restrição revista dos ardores.

5 A magia gera a incerteza na atração  
do espelho. Medo recortado em sombras.

Até a metade.

Até dois terços.

Até quase o final.

Afinal o estado na profundidade  
da vontade. Estágio antecedente  
ao início. Reinício a pedra  
exposta na concretude da matéria.

6 Mal nos orientamos na modificação:

antes janela

pedra

antes chaminé

pedra

antes porta.

Levamos ao obreiro cal  
cimento e água.

Tem as ferramentas com que inclui  
pedra sobre pedra. Observamos  
gestos mecanizados à parede na altura  
incorreta em que nos escondemos.

7 Melhor assim.  
Antes tarde.  
Até que enfim.

Devemos acatar as ordens.  
Recolher os cacos.  
Costurar a parede.  
Colher pedras para o próximo dia.  
No devir do gesto.

8 O emprego alimenta o sonho  
de irmos embora. Outro dia  
libertado em ocidentes.

(O medo ultrapassa recordações  
e adeuses: talvez os corpos sirvam  
pedras dignificadas em aras).

Alimentos empregam mesmas coisas  
e desatam tormentos: o dia comparece  
na efígie indecifrável.

9 Ainda ontem estávamos felizes  
em brincadeiras e jogos: bebemos

a possibilidade de nos aventurarmos  
ao futuro desconhecer em mito  
embrionário do deixa disso.

Ontem o dia claro em conjecturas  
sobre filhos pequenos em progressos.

Rimos a suficiência de estarmos aquém  
da imprevidência. O choro da criança  
era bússola de ingresso entre perdas.

10 Desde quando nos dizemos amores  
traduzimos a certificação da diferença:

alegamos salvos condutos.

Com cabelos molhados  
tornamos o vento escravo  
e companheiro.

Acumulamos poeira na formação  
da pedra: a hora se faz meio dia  
e convenciamos a noite limite.

11 Construimos datas  
ao lançarmos  
o corpo à terra  
na exatidão  
da permanência.

semeados em dias  
brotamos pedras  
e raízes se fragmentam:

o alimento permite ao corpo  
a recompensa da transformação  
em outros elementos. Absorvemos  
da terra a permanência e das folhas  
o teto que nos esconde.

12 Guardados em nós  
anotamos a destruição  
das melhores ideias: a vaidade  
procura a perpetuidade. A lágrima  
demonstra a derrocada. A incerteza  
processa o descalabro. O dia  
finda em fatuidades.

13 Preso entre horas.  
Livre sob pedras.

Vivemos na expectativa  
do inusitado. Contentados  
com o inaudito.

Sobre a pedra o dia grafado  
em lembranças.

14 Jogada contra a água  
a pedra muda o dia

transmuda a esperança  
em concreto gesto:

o desespero na uniformidade  
encaminha corpos ao delírio:

a tela ostenta a impropriedade  
da angústia: o dia compara as horas  
em metódicas pedras sobrepostas.

15 Avançamos episódios.  
Ao contento lamentamos  
oportunidades oferecidas:

o mesmo dia  
dizemos  
melancólicos.

O espaço compartilhado  
na pedra: raspado couro  
em apagamento.

16 Um jura o absoluto  
outro cala a inconsciência  
ainda travam a porta ao avesso.

No viés da sorte  
acenam lenços.

Outros jogam fora as pedras.

17 Merecimentos em frestas insondáveis  
transitam elementos estritos no senso  
incomum: a vaidade encastelada em terras  
inférteis elenca a sisudez na verdade.

Triste saber  
que brechas se resumem  
em ilusões e erros.

A mentira em pedra contempla  
o dia perdido em maiúsculas.

18 O inconstituido vigora no todo  
sempre: desde quando o menino  
percebia incertezas na amizade.

Repor pedras à montanha  
desbastada em rápidas pinceladas  
ignoradas no quadro: moldura.

Dizemos do sentimento finalizado  
no dia antecedente: jogamos a pedra  
sobre a colina e perdemos.

19 Chamados do que não somos:  
somos sempiternos  
adolescentes esvaziados dos sonhos  
da maioridade: trabalhamos  
e mantemos nossas famílias  
e falamos mal dos outros  
na insignificância  
da realidade.

20 Talvez não tenhamos ouvido  
o grito: alto  
e bom som não tenhamos entendido  
o silêncio. Olhamos os astros  
e nos confundimos em planetas.

Talvez tenhamos visto  
apenas  
as luzes  
da aeronave tardia em busca  
de pouso: ave passageira  
desprotegida contra as linhas  
de chegada.

21 O barulho é consequência  
do medo: letras na necessidade  
do reconhecimento.

(a competência  
- profissional – se acumula  
em sentenças desprovidas).

Preferimos palavras para acalmar  
as pedras em gravações amadurecidas  
no consentimento

22 A contrariedade em dias  
alcançados  
sob os olhos é revisão da sentença  
na provação da vontade.

Passamos ao largo  
e revemos o barco  
contrário ao vento.

Espaço tracejado  
da condenação em busca  
da tormenta.

23 A dificuldade grafada  
no dia  
empedra  
o reconhecer  
para todo o sempre.

O rumor do cinzel  
no descobrimento.

Estamos acordados  
e ainda é cedo.

24 Insana  
idade: buscamos a ideologia  
da saciedade e rumamos secos  
leitos de amenidades. Trocamos sins  
e não. Não somos seriedade.

Ter o passado condensado  
em ideias pode não ser a imensidão  
nostálgica do inconstante. Pode  
ser a renúncia ao apetite.

A boca fechada repete o rito.  
Moscas esvoaçam consentimentos.

25 Aos bois nomes dados soam  
animalescas ideias. Não se reconhecem  
em chamamentos. Ruminam dias  
desperdiçados em paisagens.

A finalidade restrita em horários  
conduz os animais ao matadouro.

Sobre a pedra repousa  
a ilusão da luz  
amortecida em quedas.

26 Adiantados da hora  
recriada sonhamos  
dias acordados.

acorrentados no espaço  
percorremos a inutilidade do esforço  
e nos dizemos  
avivados  
em sons. A avalanche  
em rápidos comentários.

O dia se anuncia após o outro.  
A noite se recolhe em pedras  
amanhecidas.

27 Entre o descalabro e a formiga  
pendemos os olhos em silêncio:  
adivinhamos o inconstante de lugares  
marcados em desconhecimento.

Somos terra inundada em lágrimas  
e sorrisos adquiridos em labores  
adiados: oferecemos consequências  
como castigo.

Formigas apressam  
a marcha e o dia permanece  
em dilúvios.

28 À possibilidade do retorno  
opomos a dificuldade  
engessada na coordenação  
do que aos poucos  
sabemos  
impossibilidade.

Chorar sobre consequências  
nos faz acordar o dia  
no resultado  
da pedra carregada.

29 Dia sobreposto na pedra  
descrita em verdades.

Rosto em retrogosto.  
Vinagre.

Nem sempre o dia se completa.  
A pedra permanece  
solitária no anoitecer.

30 Apostamos o suficiente  
em pragas. Palavras vãs.

Enfeixamos termos.  
Despertamos átimos desconfiados  
do prosseguimento: presos  
ao consenso  
libertamos a imprevidência  
e vemos a pedra  
retirar do muro  
o arrimo: vislumbramos  
a igualdade e nos conformamos  
ante a providência.

31 A última cartada é descoberta  
da sobrevida: resquício da saudade  
entremeado em cimento  
areia e água.

Argamassa. Muro.  
Dia repleto em inocências.  
A criança revolve as mãos  
na terra desconexa.

Sobrevivemos no resultado  
minimizado do atropelo  
da pedra sobre o corpo.

32 O dia pesa a importância.  
A corda amarrada à pedra.  
Fôlego e desaforo.

A vida no dia desfeito  
em desperdício: a pedra  
pesa a impossibilidade  
do retorno.

33 Indecisos dias resolvidos  
metodicamente. A mecânica modera  
atos. A moça espia pedras  
através da janela. Decisões resguardam  
o espírito no disse que me disse  
do entardecer.

34 Não são pombas pedras  
recortadas em reclamações  
e lamentos a predispoem  
o desperdício. Gastamos dias  
em repetições na cena  
que desilude reações  
na aceitação dos fatos.

Olhos  
enxergam pombas  
sobre pedras  
deslocadas em mares.

35 Cobertura de notícias alçadas no segredo  
dos mistérios recontados.

Pedra sobre  
o todo. Calados observamos  
a história descontada em excessos  
cometidos pelo observador  
    isento  
    ileso  
    inerente ao preço  
    da conquista  
    pelo dia observado  
    à pedra: cobrimos o magma  
    das petrificações descobertas  
    em veios não navegados.

36 Luz acesa. Ainda é o mesmo dia  
das recordações não acontecidas  
teimosas  
em queimar imagens  
repletas  
de reconhecimentos.

Repetimos a vantagem  
de estarmos em casa: avisamos  
sobre a impossibilidade mantermos  
acesa a lâmpada da sala.

37 Aproximados tocamos o corpo  
reagente no dia indeterminado  
pelo espírito algoz do sentimento.

Tocamos a miragem além  
do compromisso exteriorizado  
em gestos de ternura.

Tenra carne em formas  
de se fazer prazer e gosto.

O dia desconcerta a casa onde  
nos guardamos  
do imediato fornecer ao corpo  
intocado o gozo em que nos perdemos.

38 O instante grafitado permanece  
em meio à parede: derrubamos  
o mito entre risos  
rasgados na extensão  
descoberta em estrias:

extraímos a roupa modificada  
em modas passageiras.

O risco concede ao espírito motivos  
para o desenlace: a palavra não assusta  
nem se coaduna em desgraças.

39 Interlúdio: bravo gesto ainda  
sério: série desdobrada. Esperamos  
a canção terminar em choro:

um dia após o outro falamos  
sobre dores de cabeça.

Em jogos lúdicos batalhas  
transitam seres iguais. Modelamos  
o jugo instruído em delírio.

Repousa a pedra na beirada  
separadora do dia. A vista pontifica.

40 A notícia valoriza a versão do afeto  
em algaravias: chefia a realidade.

Amolda. Transfere a cópia  
na diversidade do discurso.

Complexa operação transportada  
ao nada pelo lugar comum: sobre  
a versão da pedra deslocamos palavras  
em agregadas faixas  
de bem dizeres.

41 A dúvida em benefício  
se apropria da extensão:

o rarefeito  
ar refeito  
na refeição

endividado o corpo obedece  
ao instinto: erguemos barreiras  
no encontro e nos distanciamos.

O dia anoitece finalidades.

42 Absolutos em crimes sentenciados  
ao calabouço: a clareza sintática  
da sentença ilude a demonstração  
do afeto: a florada raiva resguarda  
o desafeto. Despertamos o nó envolvente  
na garganta. Em sacrilégio destoamos  
loas ao carrasco: o primeiro  
sinal de insanidade alvoroça  
o discurso: no comum dos sentidos  
reprovamos o verbo intransigente  
e nos afastamos. Deixamos na pedra  
a incongruência do sentido  
na consecução do dia remarcado.

43 Palavras grafadas em letras  
garrafais: maiúscula proeza  
reduzida no grito primordial  
da insolência. Dia sim  
dias também  
a luz ofusca  
a tristeza

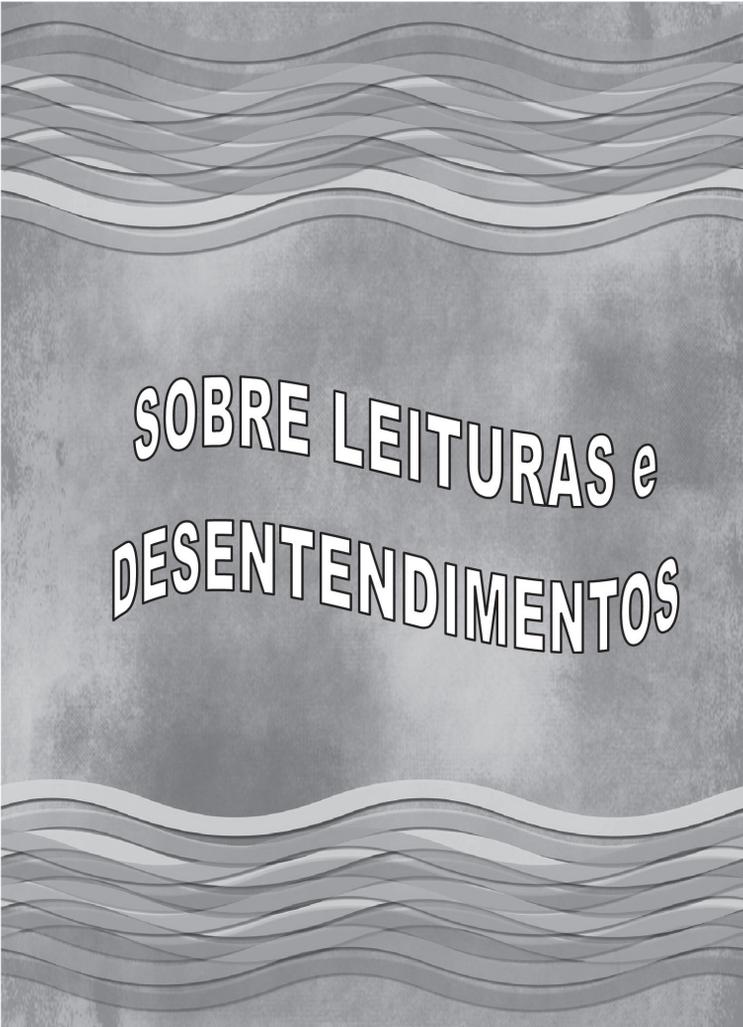
a solidão ofende a terminologia  
das palavras reescritas no dia  
entrevisto em rápidas letras:

raiva reconduzida  
na pedra à deriva  
no desvão do dia  
encoberto em sombras.

44 Nada além da sombra:  
o escuro irrespondível  
cessa a luminosidade  
inexequível: turva a água  
no demonstrar a parede  
nua: nenhuma sombra  
termina a tarefa.

A pedra ostenta a seriedade  
irretocável do mistério.



The image shows a book cover with a dark, textured background. At the top and bottom, there are decorative wavy patterns consisting of several overlapping, light-colored lines that create a sense of movement. In the center, the title is written in a bold, white, sans-serif font with a black outline. The text is arranged in two lines, following a slight upward curve.

**SOBRE LEITURAS e  
DESENTENDIMENTOS**

1 O texto explicita gostos: mente  
inverdades distraído em obviedades.

A leitura contemporiza  
o estado espiritual  
do leitor no confronto  
entre o texto e a ideia inicial  
gerada em histórias inacabadas.

textualmente no papel  
a resolução do emblema  
no programa conduzido  
ao vazio da interpretação.

2 Diversas formas  
compõem a informalidade  
do objeto. O contraditório  
na contrariedade.

Respostas embutem facciosismo  
na elementaridade do elástico  
levado ao limite. Diversas formas  
conduzem mesmas palavras  
no desiderato do absorvido  
na totalidade.

3 Paro  
e penso. Resolvo.

Reencaminho a redação  
em refazeres: esqueço loas  
e bandeiras. Duplico o esforço  
no desentendimento: leio no esboço  
a irracionalidade do adjetivo.

A oposição do tema  
no diário  
arremedo  
de ir vivendo.

4 (Vendo a vida em manchetes  
resumidas no não acontecido).

O atraso significa avanço  
no campo inimigo: justifico.

A releitura situa o texto  
em passagens conhecidas.  
A reafirmação do tédio odioso  
de que sempre estive aqui.

Não abro o volume no espectro  
decorrido em letras garrafais.

5 Gasto o espaço em palavras  
no esmaecer do tempo  
inexistente: consinto ao vento  
a passagem na benfazeja vontade  
de dizer e ouvir.

Trago o sentido  
drago o inconstentido  
ondeio a tentação de ser  
o inimigo: desentendo  
páginas originadas no pensar  
em ser e fazer.

6 A leitura de obras antigas  
em roupagem adequada  
à linguagem de hoje  
subtendida em trechos unificados  
de histórias e contos inferidos.

Ativo a memória  
ao despercebido  
na gestação do fato.

7 Em seus olhos  
releio: adeus.

No desentendimento  
percebo a inércia  
do retorno.

Compreendo o sentimento  
no fluir a caminhada.

8 Outros contam desejos  
não proibidos no oferecimento  
em letras amiudadas no texto  
de descritos choros  
e tragédias.

Nas entrelinhas permanecem  
risos incontidos de histórias  
recontadas.

Descrevo a leitura em voz elevada  
é – ao mesmo tempo – traduzo  
recolocar no ambiente a vida  
como necessidade.

9 Quem lê no conteúdo o detalhe  
furta o todo: fruto  
apodrecido

o desentendimento viceja  
campos incendiários  
e pedras recolocam  
montanhas na paisagem.

Reposto em ecos o som  
textualiza inverdades.

10 Abstraído em letras  
o texto permanece  
indelével desentendimento:

o precursor discurso  
ovacionado  
hoje  
em risível esforço  
de memória.

11 Não nos entendemos  
em mortes  
decretadas: reluto rememorar  
o discurso.

Reafirmo a glória das palavras  
na língua originária  
do caminho  
transcorrido em lutas  
de sobrevivência.

12 O significado da leitura  
debruçada sobre olhos  
incrédulos em novidades: o desatendimento  
brota linhas  
remetidas ao final  
do texto. O poder da palavra  
em desencontros. Bilhete  
relido na espera.

Desatendo versões  
literais na obviedade  
descoberta no sabor  
do acontecimento.

13 Convenço o leitor da importância  
de guardar a essência  
no esquecer o restante: desistência  
das causas maiores.

Amadureço na eleição  
do tópico elencado: entendo  
a contradição criptografada em bilhetes  
entregues aos pombos atingidos  
em voo: desencontro.

14 Tantos parágrafos efetivam  
textos incomensuráveis: passo  
os olhos no palavreado e recomponho  
o tema  
a trama  
a tratativa.

Entendo a inconsistência  
cobiçar o oposto ao solicitado.

Regresso sem que a resposta  
atenda ao conteúdo.

15 Fidelidade recomposta em lágrimas  
borrão  
a mancha na mão  
é prova e provocação: releitura  
na indefinição do estado

estudo assoberbado no espírito  
compreendido entre elétricas  
químicas  
metafísicas  
formas de reconhecimento.

16 Pergunto da possibilidade de ler  
em voz alta. Falo o texto  
declamo  
dramatizo  
a frieza despontada nos olhos  
da emoção. Traio a razão impensada  
do autor e me faço partícipe. O som  
altera a significação na criação  
indevida das respostas.

A voz ignora desentendimentos  
propiciados pelas limitações  
do grafite na mão que escreve.

17 Repito palavras.

Repilo o texto.

Desconsidero.

No desentendimento tenho o reverso  
do pensado na história.

(por isso)

Repilo o texto

desconsidero a palavra

repito a ideia ao espelho

ante a luz

apagada.

18 Concentro a ideia substantiva

da felicidade em páginas de romances:

história construída no ritmo da leitura.

O início ilustra o meio sucedido

em desfecho: felicidade desacompanhada

do entre trecho. Texto em desafortunados

personagens recriados à imagem

do conhecimento. Tragédia

anunciada em tema de novela.

A revelação no desentendimento.

19 Reinício a leitura  
em pontos adjacentes  
no desconhecer da vida  
o motivo. Elenco  
o anverso da existência.

Desagrupado em essência  
tenho a condição do mestre:

desdobro a leitura  
em distantes letras.

20 Na descrição desobriço o leitor  
das minúcias: ganham páginas  
contidos sonhos de descrições  
repetidas. Fixo a árvore  
e a casa. Deslustro personagens.

Opaco em memórias  
deixo em branco o local  
da pugna. O desentendimento  
opõe a leveza da palavra escrita.

21 Significo objetos na tradução  
da serventia  
    nos personagens a situação  
interpessoal rompe medos.

Espaço decidido no imediato.  
Miséria e riqueza opostas.

O entendimento demonstra o gosto  
pelo regresso anunciado  
em poucas palavras.

22 Édito. Sentença irrecorrível.  
    A leitura pelos olhos do carrasco.  
    Dor.

Cabe ao condenado ansiar  
o restante. Condoer-se.

Desentender em si  
a comoção. Não chorar  
    ao implorar desígnios.

Completar a leitura em cada  
rosto aproximado. Sorrir.

23 O riso em acontecimentos  
transforma em sorrisos  
rápidos as lembranças.

Leio títulos  
desdobrados em breves  
capítulos. Capítulo  
ante o desespero.

Desentendo.

24 A resposta lida  
relida repetida  
como mantra.

Dia após dia  
em desentendimento.

Falta a formulação da pergunta  
na imposição do nexos: significado.

25 Razão elencada  
em consenso. Inconsentido gesto  
de ternura na exasperação do profeta.

A leitura enriquece o conhecimento  
no destruir o mito: nenhuma  
divindade se sustenta em páginas  
descarregadas de palavras  
ininteligíveis.

26 O orçamento  
o cronograma  
o diagrama  
a cantiga de roda em crianças  
crescidas nas ruas confluentes  
de suas histórias: mal  
se cumprimentam ao se cruzarem  
em dias adultos.

Desenho códigos e os penetro  
em descaso.

27 O hábito visto de longe (longos  
caminhos). Olhos seguem o texto linha  
por linha

em alinhavados ditos impopulares

alongo o desnecessário submerso  
em medos. Não me entendo  
na compreensão dos adjetivos:

olhos vislumbram além do texto.

28 O texto descose a ideia.  
Casaco retirado ao corpo.

Agasalho.

- Pertença ao lado irrisório  
das sentenças  
onde abduco conformidades.

Rio da incompreensão  
elevadas em ares no concreto  
desmerecer da oportunidade.

29 Não o que está inserido  
na leitura. Entonação  
e compreensão.

O homem sonha escuros lugares  
de divertido prazer. A mulher  
aguarda notícias de quem  
está além da invenção.

30 Desprendido em avatar troco o símbolo.  
Assimilo. O verbo aciona minha imobilidade.  
Olhos fechados. No som das palavras  
tento dizer dos amores.

Rasgo o papel intruso e desconexo.  
Minhas mãos manuseiam passados  
e se ofertam em picadas estrofes  
de futuros desprevenidos no assomar  
merecimentos.

31 Assinado e sacramentado em profano rito  
de reconhecimento. Desdito em letras  
amiudadas com a que a hora  
retorna o movimento de origem desfeito  
em risos de melancolia. Ao demônio  
que me arbitra em empréstimos cabe  
a desdita de me haver criado em semelhante  
ideia de desentendimentos.

32 Medida acertada entre as partes.

Parto: nasço  
na elevação artificial de elementares  
saberes declarados participantes.

Compacto a forma no extremo  
gesto de reconhecimento. Arbitro

o gosto: bom e mau  
mal e bem  
no benfazejo grito  
da vida em agonia: vivo  
da ideia apagada no solstício.

33 Pagamento do que não está entregue.

Imensidão: o vazio abomina a ocupação  
no cercear lados  
em ângulos. Ponto na vista  
do extremo. Troco recebido  
em contenda de base irrefletida  
na imagem em saudades. A imensidão  
congrega dentro  
e fora  
do contexto: a briga  
consome o restante  
do ensinamento.

34 Olho pela janela. Leio o horizonte.

Busco o que avisto.  
Revoos esperanças na destinação  
do som. Ouço a passagem  
do corpo no infinitesimal  
da obra declarada.

A nuvem tolda. A chuva rasga.  
O raio recorta a leitura.

Sobre a terra iludida  
ressoo passos disparados.

35 A palavra aprisiona. O grito  
liberta a dor em exemplares  
reabertos no delírio: sei onde dói  
e o medo se localiza  
no vértice.

O texto oprime na impossibilidade  
do retorno. Corto o desnecessário.  
Sobra outro texto.

36 Vou ao encontro. Levo sob o braço  
o volume inexecutável dos adjetivos.

Entrego o tomo  
no primeiro contato.

A leitura percorre  
palavras soltas. Sorrio ante  
a dedicatória e peço o beijo.

O exemplar suspenso entre  
a toalha o prato o copo  
e talheres.

37 Exemplo. Na quarta capa reside  
a explicação do todo  
sem se tornar  
outro tanto  
desvinculado.

Na comparação entre síntese  
e sintática forma repousa  
a diferença entre o que está escrito  
e a leitura.

38 Pedem que refaça  
o feito: a incoerência  
nos olhos dos outros  
e a simplicidade  
da palavra. Escrever significa  
reler fatos no avesso da realidade.

Por mais que a imite em terras  
circundadas em vidas aleatórias.

Pelo contato impossibilitado  
dos personagens em notícias  
não editadas.

39 A busca incessante da leitura  
compreendida no âmago  
do ânimo: mínimo  
procurado na maior parte  
desconsiderada. Olhos  
perambulam páginas. O espírito  
essencialmente ágil  
se afasta  
em releituras.

40 A transcrição da palavra  
na imagem: a força do impropério  
perde bocas não oportunizadas  
no desfecho. O beijo descreve  
a inutilidade do olhar. Tremor  
suspeito em artimanhas  
na demonstração das mãos.

Transposição da visão  
em mero desamparo.

41 Abertura em sorrisos  
nas questões em aberto  
no conteúdo programado  
em fechos. Despedida  
nos votos de felicidades.

A insinceridade  
controla cada espaço  
na desnecessária oferta  
de lembranças e saudades.

42 Não me faço em obrigatiedades.  
Prefiro acasos de inverdades.  
Texto deslustrado na imagem.  
Leitura apostada em desenlaces.

Fábulas traduzem  
amoralidades. Animais  
em peles humanas.

Aos deuses oferto desiguais  
textos e olhares.

43 Parcimônia do aparato na insegurança  
desnecessária no paradoxo  
da complementaridade.

Na obviedade do estilo repouso  
na inconsciência do leitor: elejo temas  
em emoções comezinhas. Rasteiros  
olhares sobre mesmas coisas.  
Implemento o medo e me aguardo.

44 O leitor dificulta a trama: busca  
além do contido. Tergiversa  
ansiedades na descoberta  
da personalidade demonstrada.

Elege condições defensivas.  
Ataca a condensação no desconhecer  
na inversão o fato despercebido.

Incorpora palavras em vestimentas  
anímicas. No espelho reflete  
a mágoa anterior  
ao texto.

45 Desatenção: na dislexia sons  
se multiplicam  
em desconformidade: sentido  
alterado da verdade na diferença  
acobertada. A atenção redobrada  
redescobre significados inexistentes.

Armadilha  
e ardil.

Argila descozida no refazer  
o texto na originalidade  
do ato. A prática inverte  
a leitura desconectada.

46 A poesia se alonga além do poema  
que é meio e forma de relacionamento.

Explico o significado ao leitor  
aflito em afinidades: palavras  
escapam dos reformatórios  
e retornam na simplicidade  
imaneente aos temas: recursos  
ambientam o leitor e a sinceridade  
absolve o autor das conseqüências.

47 Não há retorno  
que o entorno  
contorna a apreciação do início  
na conformidade em seguimento.

Acima do elemento criador  
reside a criatura não criada  
na fonte do conforto

da palavra escrita  
em lugares diversos  
de suas simetrias. A fonte  
é forno no fogo da leitura.

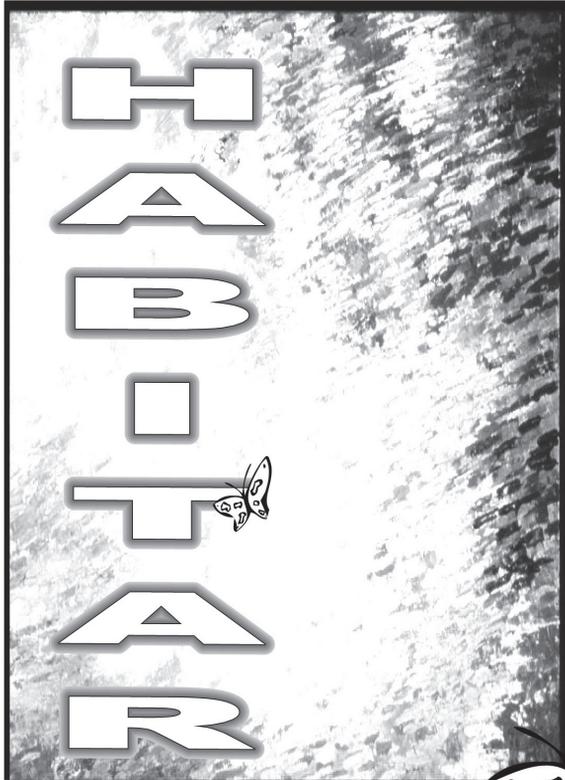
48 Hábito  
habitação  
habitualidade.

O desatendimento realinha  
o segredo não revelado.

A revolta escolta ares  
aprisionados aos olhos.

A leitura é significar na oposição  
a verdade em ditos sacramentados.





1 Sobre a noite em verdades  
digo ofensas ao dia passado.  
Não sou acidente derrubando  
o corpo ao pisar a corda  
do sapato. Explico a inverdade  
sob aterrorizado grito  
de mais nada. Apuro o salto  
e transgribo o apressar  
da noite transacionada na derrota  
em que me faço esconderijo.

2 Perdido orgulho  
ergo a voz ao esquecido.

A corrida desabala  
o interior da fase.

Face à face:  
mostro o amargor  
e o âmago: a história  
reduz a serventia no erro.

Iludido saio à rua  
e descubro o vício  
de caminhar a esmo.

Isso mesmo:  
aqui me habito.

3 O motivo tem idade  
no decorar ambientes  
vistos sob grossas lentes.

O desalento joga fichas  
ao eterno – abuso –  
deus desafortunado.

O acaso cessa a busca  
instalado em lugares  
guardados dos sérios  
homens negociando coisas  
inalcançáveis: eis a morada  
e suas consequências.

4 Sei por outro a verdade.  
Faz de conta. Faço contas.

Do combinado entrego  
a trégua em brancos  
panos encerrados.  
Discurso músculos  
ao dia vindouro.

Saber significa  
finalizar entre  
mistério e trabalho.

5 Avisto: a matrícula  
assegura a permanência.

Acredito. Creio  
em histórias desproporcionadas  
na seriedade do assunto.

Nada tenho entre diferenças.  
Desisto da casa.  
Recuo adiante do perigo.

O aviso aluga o imóvel  
na proximidade do comportamento.

6 O verbo conjuga a indiferença  
no ajudar o próximo a atravessar a vida  
em conjunto. O crescimento resguarda  
acontecimentos esvaziados no passar  
dos anos em sinceridade.

Sempre estive aqui  
e o mesmo lugar  
cristaliza o som:  
lágrimas derramam a finalidade  
do silêncio em estardalhaço.

7 Alguns retornam  
em escapismo:  
mentem a ilustração  
e desfocam sutilezas:

acontecem sonhos  
irrealizados. A mente  
comenta a realidade  
do conjunto. Dilata  
possibilidades. Apaga  
a inexistência da casa  
no tanto iludido.

8 A revolta reconduz o ouro  
à mina. Mistura elementos.

A moderação insaciável  
do combate: falo sobre  
acreditar nas palavras  
acaloradas em rosas.

A gaivota expele o ar entre asas  
e vantagem o corpo no desfiladeiro:

habita a possibilidade de revoar cálices  
despovoados em seco corpo.

9 Sentado em predileção  
assento os pés sobre o terreno  
coerente do arcabouço:

desterrado sinto a vaidade  
diluída em rasas águas.

O sorriso mente.

O esgar transmite ao corpo  
a mancha imaculada da roupa  
na imperfeição da trama.

O êxito é sentimento  
abstraído no nome pronunciado  
em casa comida e roupa lavada.

10 Sorrio a incongruência  
da solidão: engraçado  
penso no imediato  
alento da repetição  
na palavra. Sei  
o desnecessário.

Ao aventurar-se em querer  
descobre a insolência da casa  
de fechadas portas  
em mangas de camisa.

11 Resto do tempo.  
Descuido.

Observo a competência  
em desdobramentos.

Tenho. Tive.

O lar resguarda a amizade  
em gelo: o congelamento  
da esperança na música  
insinuante em temas desnecessários.

Por isso vou  
embora.

12 Quase sempre o som  
arremete a pobreza  
ao desconforto de estar vivo.

A lividez do cadáver significado  
na opulência da morte.

Cada guarda-roupa despido.  
Prateleiras repartidas. O chão  
repleto de pisadas em desatino.

13 Se a casa  
estiver ocupada  
pela estranheza  
dos rostos  
desconhecidos: não  
viro as costas  
e revolto  
à casa imaginada  
na infância.

Reclamo sua presença  
e digo adeus  
em reconhecimento.

14 Entre pedras  
medra  
a desconfiança  
no afiançar  
das coisas  
imaginárias:

além presido  
o destino: estio  
na terra desertada  
dos espíritos.

15 Aceito o despropósito  
do escândalo. Divertido  
entre divisões e somas  
adicionadas em sins e não:

a voz repele o engodo: digo  
da consolação no corpo  
em seco desaconselhamento.

Escancaro o tempo  
no espaço e perco  
a distância. Homem  
remoçado em mulheres  
escolhidas.

16 A raiva conduz a insignificância  
no despropósito. Elege a sina.  
Assassina.

Desconstruo a imagem do lar  
em águas: busco auxílio em passados  
afogados de futuras impossibilidades.

O propósito da autoridade  
conduz o cidadão no delírio  
da providência: apago luzes.

17 O reformatório desdiz  
a ansiedade de estar aparente  
no sufoco da terra recolocada  
sobre o início: escavações  
reduzem distâncias no hoje  
penetrar a anterioridade:  
sou assim e o grão amassado  
reproduz a imagem das mãos  
em súplica. Alimento  
a totalidade no detalhe  
despersonalizado na notícia.

18 O esconderijo  
no extremo gosto  
da ocultação reflete  
a inércia do gesto.

Não olho  
e me declaro inepto  
no desdobrar a vida  
em capítulos. Recapitulo  
a orfandade de pais  
avivados ao necessário.

19 Novidade: a casa  
expõe a saciedade  
em cortinas descoloridas  
ao jardim desprovido  
de flores artificializadas  
em casos: mãos  
gentis no tratamento  
do pano  
e alinhavados desenhos  
desprovidos de sensibilidade.

Por dentro a casa  
reflete a imagem dos habitantes  
distráidos em insônias  
de corpos cansados  
em extremos.

20 Quero o desconforto  
de ir embora: pés partidos  
na oscilação da espera.

O desespero habita o contrassenso.  
Na manhã avisto o pássaro aonde  
a descoberta desnuda a insuficiência  
na vontade atropelada pela racionalidade.

21 Estar em mim  
e mesmo assim  
ser eu mesmo:

mesmerizar a solicitude  
no sofrer a doença  
do reverenciamento.

Algum dia a morte  
descobrirá o sofrimento  
onde me esconde.

22 Na hora em que sou  
desdito: a honra abriga  
a casa entre paredes  
de conhecidas ranhuras  
e tintas descascadas  
em passados. Horas  
em perguntas  
de espaços distribuídos  
em insônias. Vejo a construção  
abalada na fortificação da espera.

Esperta forma  
penso e distribuo  
a poeira pelos móveis.

23 Tenho oferecida a instância  
derradeira: corredores prolongados  
na injúria e o grito permanece  
eco. Quadros  
    esculturados  
    em papéis empedrados  
na droga de vida: revisto em baleias  
expostas nas janelas  
olho o fora: dentro  
percebo a clarividência  
de ser a escura forma  
das portas fechadas.

24 O oposto desinformado  
na petulância do corpo desavindo  
    não se transforma na permanência.  
Em esgares sofro a transmutação  
da essência: quem a sorver a angústia  
da campainha. O despertar da eloquência  
discursa dogmas recriados ao sabor  
da ventania. Venta.

Pauso trabalhosa ação das mãos  
sobre a roupa: no revés da casa reconheço  
a mala carregada.

25 O corpo sob escombros  
sofre dores intermitentes.  
Escuta vozes indecifráveis: ontem  
a casa era a única defesa.

A espera gera a ordem  
transmitida no deboche  
de estar presente  
na tragédia. A trajetória  
do eclipse satisfeito  
no ato imperfeito. Falar  
cansa o corpo retirado  
da casa destruída.

26 Ressentido comportamento  
sobreposto à roupa na mala  
em fuga: trãnsfuga.

Foge na reconsideração  
da possibilidade de o gás  
consumir ares homiziados:  
horror e droga. Drágea  
partida na economia  
das palavras. Sinto  
a desinformação.

Nada do que for dito  
será utilizado como prova.

27 Entre a cama  
e a porta  
o vento ressoa  
antigas palavras  
de promessas  
e arrependimento

(vãs intenções  
despropositadas)

entre a porta  
e o enredo  
transitam camas  
desarrumadas  
no anoitecer.

28 A mãe multiplica os pais.  
O pai ressona o almoço.

Crianças alvoroçam  
a tarde em despedidas.

A luz acende o jantar  
e no apagar residem oportunidades.

A mãe multiplicada  
em sonhos. O pai  
acomoda formas  
desaquecidas.

29 Recebo visitas  
na cordialidade  
do momento. O café  
esquenta as palavras.

No silêncio me despeço  
com carinho. Porta fechada.

Guardo a intensidade  
do reencontro. Anseio  
a despedida.

30 Estive aqui  
em utilitário treinamento:

combato a elasticidade  
no crescimento e me faço  
maior do que a casa.

O apetite consome a sede. A aspereza  
da inverdade conduz o corpo ao exagero.

O lugar permanece  
intocado em peças  
descosturadas.

31 Minha avidez  
reside permanências.

Ouço o bater dos talheres  
no refinar dos copos.

O cão aguarda  
a passagem do amo.

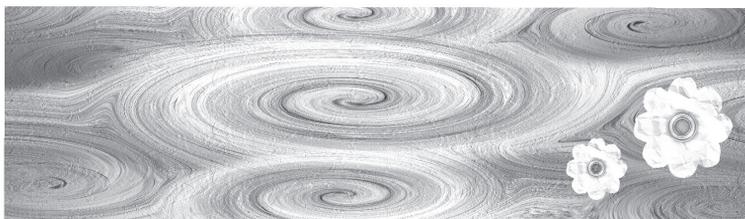
O atraso científica  
a confluência: embora  
tarde ainda é presente.

32 A obviedade escraviza o medo  
e o retorno não acontece. Tremo  
a possibilidade do esquecimento.

A mão traça a trajetória ante o rosto  
impassível: anos dizem do caso feito.

Não refaço malas  
nem ocupo cabides vazios  
de possibilidades. O hábito  
me faz distante e desprovido  
de piedade na casa fechada.





# SOB(RE) O MELHOR DOS MUNDOS



1 *Na recondução do gesto  
em deletério instante naufrago passos  
e nego o irrespondível.*

*O mundo em melhores horas  
supera o desgosto nas flores colhidas.*

*Recolho serviços e me faço desapontado.  
No início restante sou comprador. O barulho  
se alonga: renego a flâmula  
com que o mundo me melhora.*

2 *Reafirmo a crença. Cresço interiores  
revisitados. Guardo minha história  
na agressão adjetivada em revistas  
formas. Sobrevivo afortunado.*

*Sou surpresa agastada à porta  
no cartaz fantasioso que simboliza  
o que tenho. Meu mundo na melhoria  
do desequilíbrio sempre indesejado.*

*O ranço em mãos inoportunas  
cerceia o coração em delírios.*

3 *A solidão ridiculariza a caminhada.  
Oferto a face maltrapilha ao escárnio.*

*O riso envergonhado  
em preconceito. A vida  
assassina confusões.*

*Medo de estar no mundo das melhorias.*

*O processo regionaliza a terra  
em estéreis teses desabitadas.*

4 *A ponte atravessada é ponto  
de partida.*

*O outro lado isola  
o continente ao nada.*

*A história férrea  
dos dizeres  
no lado oposto  
o sentido.*

5 *A aranha refaz*

*a trama: sete contas  
acertadas.*

*Vistas as expectativas da chegada  
o frio empresta ao turista a necessidade.*

*Teia tecida: o frio cobre a terra  
congelada. Sentimentos  
quebrados em gelo.*

*(Abasteço o copo e reconforto  
o corpo em destaque).*

6 *Inundo o texto sobre águas  
no conservar o olhar pedido: horizontes  
revisados revistos revisitados.*

*Ofertas se multiplicam  
em lances de repetidos valores.  
Mundo revertido  
no primeiro preço.*

*Descortino o restante. Recolho  
amarras. O texto naufraga o realizado.*

7 *Sou no interior da esfera o limite.*

*A tangência onde repousam forças.*

*O arresto dos bens comprometidos.*

*O acerto de contas das ramificações  
no desgaste natural do prisma.*

*O limite inercial da terra  
na repetição do gesto.*

8 *Surdo em sacrilégio deposito a gorjeta.*

*Costume elencado  
na configuração do gesto.*

*A imprudência paga  
desnecessidades no absurdo  
preço pelo restante da esfera.*

9 *Ofereço o espaço  
entre palco e plateia.  
Recolho o silêncio  
repentino dos ausentes.*

*A melhoria traduzida  
em animais errantes  
de pátrias confinadas  
em linhas imaginárias.*

*(O contexto no mapa reproduz no rio  
o risco da montanha onde inseparável).*

10 *Dias se associam a deuses de trágicos  
destinos desmembrados dos corpos  
em postos de trabalho.*

*Culpo adeseus antecipados.  
Cubro o corpo com a cinza  
borralheira das histórias.*

*Associados dias conduzem corpos apedrejados.*

*A terra rejeita pedras no contato  
onde corpos perambulam espaços.*

11 *Bebo da terra a essência. Embriagado  
solto o corpo no espaço demarcado  
em fronteiras. Cerca aramada em guardas.  
Dos amores dispenso o cerco e nada ofereço  
em goles. Engulo o seco despertar da vinha  
onde rosas informam de colheitas antecipadas.*

*Abarco náufragos de frios momentos  
libertários. Renego a fortuna em orações  
sobre milagres não acontecidos.*

12 *Gravo o descálabro: amanhã será  
o dia anterior ao próximo. Estarei  
distante no alcance da mão inimiga.*

*A brabeza com que o amor  
me configura passado.*

*Coloco o corpo adiante  
da porta. Saio  
em segredo debruçado sobre  
a terra. Imundo imprecações.*

*O melhor vislumbrado  
em descálabro: amanhã  
no retorno na vontade.*

13 *Falo em cordas e ressoo o bojo  
do instrumento em madeiras  
recolhidas pelo avesso. Sons escalam.*

*A terra ressoa encordoadas vias  
de passagem. Repulsivo adiante  
a mensagem em luzes: cordas  
de tempos alastrados  
em cantos. Conheço no imaginário  
o refletir da realidade.*

14 *Arremesso fronteiriças palavras.  
Refaço respostas. O romantismo  
me reflete em astros  
e asteroides. Localizo no espaço  
o contrassenso. Carrego sozinho  
o ordenamento na limitação do dogma.*

*Arrebento normas encadeadas  
em aprisionado recanto escurecido.  
Dos sentidos sou observador  
do ordenamento primitivo  
entre gestos e desgostos.*



17 *Na dependência  
da melhoria aguardo  
o resultado. Anulo  
apostas em desacreditados  
números. Melhorias  
são díspares em homens  
igualados em negócios*

*(mulheres desigualladas  
em negócios).*

*Avesso ao destino teimo  
situações milimetradas  
do atendimento na tendência  
exemplificada dos segredos.*

*Melhor assim: sendo vítima  
posso chorar águas passadas  
e sonhar futuros: senhor  
de males não completados.*

18 *Inundado corpo submerso em águas  
ressurjo barcos. Falo nomes disparatados.  
Forjo provas inconclusivas. Acelero o muro  
ao desencontro. O corpo emerge na falta  
de ar: sufoco.*

19 *Amores equivocados  
em loucuras do passado  
repetem futuros.*

*Apresento o corpo ao outro:  
em abraços e beijos reafirmam  
amores infínidos.*

*(Finito tempo apaixonado).*

20 *Na voz do calendário a solidão  
da canção em azares pela casa grávida  
no contexto da delicadeza e mistério.  
O filho em berço alçado no giro  
do planeta. Esboço mundos melhorados.  
Venda e compra do que é traduzido.*

*Mães se ressentem da energia despendida  
na confirmação do extrato: o perfume  
encobre o erro do profeta.*

*Mães mensuradas em filhos.  
A voz em única oportunidade.  
O pai calado em desenganos.*

21 *Meu ceticismo*  
*destrói ilusões*  
*e sonhos. Vítimas desconhecem*  
*a morte antecipada. Na inocência*  
*em testamento o medo*  
*lança vigias fechadas no reconhecimento.*

*A descrença interrompe*  
*o estar ciente de que a verdade*  
*destempera.*

22 *Dividido em fronteiras aceno a bandeira*  
*em impropérios na língua pátria.*

*Patriota na possibilidade*  
*de ser o outro companheiro.*

*Estou em mim na projeção*  
*da sexta parte da verdade no dia*  
*assumido em compromissos.*

*O cumprimento ignorado na arma*  
*sobre o ombro. A mira divide*  
*o mundo em muros transponíveis.*

23 *Desconexa razão: a fortuna expõe  
o medo da perda  
na revelação despótica. O pote escoa o líquido  
na terra infértil da conquista. Irracional pensamento apreendido no  
desatino da mortalidade.*

*A lança quebra na imprudência do ataque. Perco  
a hora na conectividade das partes desmerecidas.*

*Escureço dias. A luz gerada no esforço  
concentra no espelho as últimas sombras.  
A razão desconsidera o sentimento. Escondo  
a lágrima derramada na verdade exposta  
do opróbrio entre partes.*

24 *Sobre desertos pés  
cerceiam passos na tentação  
do encontro com o demônio  
em transações inexplicadas.*

*Terra solidificada em dogmas de entreatos:  
na cor acinzentada por dias melhorados.*

*Em desertos gelados de esperanças a espera  
se agiganta no tremer dentes apavorados: sei  
do mundo irreal habitado em vicissitudes.*

25 *Imundo cão adjetivado na terra  
onde rola: pulgas*

*percevejos*

*parasitas*

*gane o entrevisto  
na ignorância. Repousa cansaços.*

*O mundo – áspero pedaço –  
é sua luta pela sobrevivência.*

*Escuta o som das lembranças  
e abana o rabo ao transeunte.*

*Áspera voz dispensa o gesto.  
A pedra atinge o corpo despreparado.*

26 *Identifico no som a natureza  
desconsiderada na possibilidade  
de vidas paralelas*

*diuturnamente embaló lembranças.*

*Gesto o tempo ao relento  
no som irreconhecível da presença.*

27 *A mulher espera a ilusão  
no que seu coração  
desconhece do afeto. Encerrada  
em mesmices se desconhece.*

*A razão do homem despreparado  
para o embate em incólume sobressalto.*

*O amor enfeita guirlandas  
de passagens. À mulher resta  
comentários em raivas.*

*Cabe ao homem envidar esforços  
nas separações e escolhas.*

28 *Pinto a terra em detalhes: barco e água.  
Céu anilado. Reflito a sombra  
na hora finalizada. Reparo nos olhos  
a incerteza com que a tisno em traços. Reflexiono  
luzes da manhã precedente. Revejo na água  
o desencontro em mundos inconsequentes.*

*Pinto a tela em detalhes  
desterrados.*

29 *O caminhão distribui irmãmente  
o lixo recolhido: recebe de volta  
restos induzidos. Ávidos  
destrinçam carnes  
aparentadas.*

30 *O despropósito da inação em acordés.  
Gritos: sentenças redigidas ao oculto  
ser sedento em desculpas. A audácia  
me manifesta no final.*

*Hora e honra dos atrasos  
nos olhos da criança.*

*(O final do mundo ocasiona  
conversas sem importância).*

*O despossuído na claridade abstrai  
o sentimento na música: recordação  
em nuvens e pensamentos.*

*(O mundo do conquistador gera  
negócios na nebulosidade do planeta).*

31 *Ofereço o lance*

*lanço no vazio o canto  
estéril das mortalhas.  
Singro mares evaporados*

*sangue  
sangro*

*no dever ouvir me faço mudo  
amado e triste. Perdida vida  
atravessada em gritos. Grato ao devir ignoro  
a desgraça por estar aqui.*

32 *Aprendo a retirar do silêncio*

*reter da ausência  
retificar na sentença  
reafirmar a sequência*

*a providência realoca grades abertas  
no encontro. O suor escorre o rosto  
em sombras.*

*Aprendo a rearrumação do instante  
perpetuado em ângulos diversos.*

33 *Levei anos para descobrir  
minha estranheza diante dos fatos.*

*Sei inconsciente  
a estranha forma  
de dedicação.*

*Sei da leveza da solidão  
no corpo espiritualizado.*

34 *Levei anos para me descobrir  
sedento de artimanhas: sou arapuca  
desarmada pelo pássaro.*

*Na mulher o perfume é equação  
quântica do encontro no matemático  
cálculo da dor na perda pelo corpo  
entregue em desejos.*

*Falo amores absolutos  
e no desespero das cores revejo  
a mulher antecedente ao mistério.*

*O profano na permanência  
de imanente desejo.*

35 *Desordenado*  
*atabalhoado*  
*cerceado. Em etapas sucessivas*  
*busco constância na libertação.*

*No jogo indefnido o resultado*  
*antecipa avisos de improbidade.*

*Tropeço na ingrata força.*  
*Rio tolíces profissionalizadas.*

*A liberdade permanece no acender*  
*das luzes: vejo no futuro a luz singela*  
*da entrega em ordenados sentimentos.*

36 *Diante da porta*  
*adiante da hora*  
*durante: reitero o veneno impensado.*

*Sou solucionado em notícias.*

*Refaço a cólera indistinta da presa.*  
*Ante a porta entreaberta desatino*  
*passagens: sou aparentado no extremo*  
*beijo selado pela mulher passada.*



39 *Ética: ingênuo dizer da proporcionalidade moral. Tempo atualizado em presente.  
A recompensa finaliza o ato. Ingênuo pensar na recuperação do espírito em propósito.  
Termos analisados no canto das sereias entretantos escondidos na totalidade.*

40 *Encontro respostas em esquinas. Serpenteio.*

*A brabeza embeleza o sexo em pagamento da carne envolvida em afetos.*

*Saio de casa na necessária decomposição dos gestos libertários.*

*(A família exemplifica perseguidos na intenção diuturna da solidão desnaturada no ressecar lágrimas).*

*Saio de casa no momento das dívidas relevadas.*

41 *(Escolhido para rasgar elogios  
ao dono: proprietário e senhor).*

*Dispensado: discurso palavras  
acantonadas. Reçolho a prolixidade  
no exagero recomposto do ilícito. Penalizo.  
Critico a vontade libertária em raios frígidos.*

42 *A divindade criada  
no prazer  
pelo medo. Pego do nada  
a recompensa.*

*Mato o infiel  
discípulo. Reçolho em escombros  
a necessidade. Cobro o gesto.*

*Criado  
na semelhança desassociada  
dos amantes na ira pronunciada  
em guerras. Grito  
desesperado com que salvados  
em infernos são diametralmente  
opostos em teses desnecessárias.*

43 *No dinheiro ofertado em palavras  
soletro letras dispostas em textos.  
A anterioridade dos pagamentos  
espúrios tilinta moedas dos cofres  
reabertos em estigmas.*

*A palavra vende a ilusão da farsa  
desmanhada em provas: desaprovo  
a maneira servil de homens fúteis  
se dirigirem aos guichês exigindo bônus  
abonos  
salvaguardas.*

*Letras depositadas em frases de não dizer:  
acendo o fogo e ofereço a chama.*

44 *Porque sou ensinado duvido das palavras  
espreito pessoas e me escondo na verdade.*

*Fatos assumem faces impenetráveis: olhos  
e ouvidos. Bocas dizem orações mecanizadas.  
O silêncio me afasta e no beijo rompo a face.*

*O medo inoculado na necessidade  
horroriza a incógnita estampada.*

45 *A lâmina circunscrita na verdade  
corta a raiz  
espalha o sangue  
acostuma o corpo em cicatrizes*

*o gume tangencia a face ao penetrar a carne  
nos sentimentos aflorados em lembrança.*

*A necessidade me faz futuro e apressado.*

46 *Esqueço que a música transita lugares  
desprezados. Não me contento  
com a imensidão do som. Trancafiado  
em murmúrios*

*grito liberalidades: palavras  
calam minha vontade.*

47 *Cerca: arames farpados  
separam  
desertos  
iguais.*

48 *Nenhuma glória  
tragédia  
epopeia  
saga  
história*

*apenas  
contas a pagar.*

49 *A melhoria fotografada  
em incontáveis cores: matizes  
simbolizam céus e mares.*

*O sal corrói metais despreziosos.  
Minério desapropriado em jazeres.*

*Amontoo fotografias. A caixa  
reduz o ímpeto do passado.*

*A pedra sobre a tampa  
encerra.*

50 *Escuto a ordem descumprida na essência  
do grito pela primazia no espaço.*

*Revisto o fundo da gaveta com a roupa  
de domingo - essência do silêncio oratório.*

*Reafirmo a condição desaparecida - encontro o juízo  
na razão desprezível do adjetivo. Recomeço  
a semana desencontrado na aridez  
de olhar o final da sina. Significo.*

51 *Entrego em desculpa o último  
pagamento. Na normalidade o ato  
reflui a imagem do afogamento.*

*Lembranças desprezadas  
emergem. Trago na pergunta  
a desnecessidade da resposta.*

*A culpa cobre o descalabro presente.  
Ciente. Onisciente divindade diz da vida.  
Olvido a desculpa entregue na pergunta.  
Amanheço outro dia na culpa necessária.*

52 *Aos tantos anos a idade repete  
sinais: envelheço o corpo e o espírito  
exercita razões aprisionadas à carne.*

*Esqueço dias anteriores  
na crueldade da despedida.*

*Quisera gozar a livre vaga do mar  
em mistério. A palavra no sonho  
inacabado. Retiro do frasco o remédio  
supérfluo: escorro a sanha decorrente.*

53 *Razões esparsas em escuras matérias.  
Onde me desconheço gero medo.  
Assoprados ventos no fogo  
que esquentam a água.*

*Banho a matéria em perfumes.  
Na escuridão receio a igualdade  
na duplicidade nos querereres.*

54 *Clamo mudanças estáticas  
na impropriedade solucionada  
em esteiras empalhadas no acesso  
das folhas de palmeiras. Prático  
a iniciação ensimesmada  
do reconhecimento. Repito  
versões no vivenciar  
o fato na solicitude do sonho.*

*Mudo na planta o estame da fertilização  
natural. Altero no inseto a concretude  
atávica da modulação da espécie.*

*Recomeço o ciclo no fragmento  
em concha. Burilo o minério  
em véspera desautorizada.*

55 *Parar sobre a ponte destaca  
o ócio em corrente saudade.*

*(Porta entreaberta no corpo pela metade).*

*Nego no tempo o uso do inerte fluir  
na recomposta estática. Enérgica mão  
acompanha o verbo. Entrego a corrente  
inquebrantável dos adjetivos. Conjugo  
verbos no delírio da descrição do ato.*

*(Portas entrefechadas em copos inextatos).*

56 *A igualdade tece o medo: fecho  
os olhos e rejeito quem se apresenta  
em reflexos. Imagino o retorno.  
Quem se aproxima estranha o medo  
quedar a ilusão no encontro:*

*sou uno  
sou tantos na sobrevivência  
da chama em sacrifício.*

*Seco fruto depositado ao vento.*

57 *Eletrifico distâncias e me afasto.  
No olho a imagem permanece.*

*O corpo estremece a necessidade  
de estar perto. O corpo na diagonal  
espreita espia espiona o contexto  
sobre a cerca. Acerca do assunto  
academizam o medo em sentenças  
irrecorríveis. A teoria entedia  
fatos generalizados.*

58 *O sorriso da criança busca no adulto  
proteção e magia: faz desaparecer  
a flor da lapela ressurgida em pássaro.*

*O truque barato inunda a casa  
em promessas inalcançáveis.*

*A criança cresce  
no destino inaquentável  
do menino.*

59 *Pior seja a hora espero  
tempos melhores: a orientação solar  
e estrelas guiam o norte em mistérios.*

*A hora é o esquecer da raiva contida.  
Profissão escolhida no aceso pensamento.*

*(Frutas esterilizadas na vingança  
em que me sacio).*

*Tempo na imensidão do espaço.  
Dias e noites repetidos.*

60 *A justiça ao alcance da mão.  
Quem me pergunta dos excessos?  
A exceção irrealizada alcança o pesadelo.*

*A legalidade no encontro.  
Irreverência no expor  
o rei ao ridículo.*

*A justiça alcança a mão  
que a alimenta. Legalmente  
preso recuso o sistema.*





**INDETERMINAÇÃO  
DA  
CERTEZA**

1 Toda semana refaço dias  
em contas na sucessão  
entre ficar e partir.

Amo a descrença de estar comigo  
quem conheci em dias antecessores  
de vagas horas.

Conto sobre números dispostos  
na sequência dos aconteceres:

penso luas e cometas  
queimados em sóis elementares.

2 Determino fatos nos prazeres  
belos dos olhos fechados. Sonho  
igualdades de pontos em vista.

Receio a totalidade dos haveres  
no espargir a água sobre a testa.

Testemunho desconstruído  
no ato  
de me fazer  
ausente.

3 Na casa habito paredes  
portas  
janelas

- sótão  
porão

nas paredes resido telas  
gravuras  
desenhos diversos

sobre móveis imóveis estatuetas  
esculpidas em bronze conversam comigo.

4 Minha história repete: homem  
envelhecido reclamo dores

minha mulher  
conserva a família em telefonemas.

A miséria compreende o sentimento  
auscultado em distâncias.

Notícias trafegam velocidades  
e a inexistência  
se representa  
em incertezas.

5 O entendimento tardio releva  
o tédio e me assume  
em consequência. A incerteza  
desliza horários em fixada  
meta determinante. Ontem e hoje  
no tempo descompromissado:

distância alterada no desentendimento.

6 A ilusão transgride fatos.  
Durmo. Invento razões  
para continuar. Fatos trespassam  
testemunhos e me desorientam: provas  
demonstram a impropriedade  
dos resquícios deixados ao medo.

Confesso minhas ilusões: inibo  
a responsabilidade em acordar  
e repetir o sonho.

7 Acredito na definição da vida  
inteligente: sentado  
    assentado  
    assoberbado  
    em obrigações.

Meu corpo responde estímulos  
neurossensoriais de luzes e contatos.

Reconheço detalhes e distingo  
entre desconhecidos amigos  
futuros. Creio na observação.  
No gosto e tato. Palavras  
determinam meu comportamento.

8 Porque é difícil compreender o todo  
sou contente com o ínfimo da batalha.

Porque é razoável me olhar no espelho  
    reflito a substância do corpo encapsulado.

Porque é compreensível a leitura  
evito termos recorrentes ao desespero.

9 Posso fugir do resultado  
anunciado em conquista  
e me esconder  
por algum tempo  
entre os vitoriosos.

Não sou o mesmo retornado  
na calma da tormenta  
anterior ao caos: a entropia  
diverge sobre o inconsciente.  
A lucidez me obriga a contemplar  
placares indistintos em deveres.

10 Destaco na amanhã a ilusão  
de vivenciar a mim mesmo  
enquanto sina. Assinalo a generalidade  
das escolhas: tropeço horizontes.

Na horizontalidade do dia  
me ofereço em desconto  
concedido  
aos que vislumbram  
a continuidade.

11 No entanto reconheço a dívida  
aposta sobre o destino. Recordo e omito.

No tropeço entre dois mundos  
limitados sou o terceiro grito  
animalesco na sobrevivência.

Conservo traços inerentes  
aos antepassados na forja  
permanente dos experimentos.

Concordo e antecedo.

No conseguir o avanço retraio  
pupilas e vejo a indiferença  
acenar crenças do desnecessário.

12 A criança chora sons interrompidos.  
A noite avança inexorabilidades.

Repito o som inicial  
do nascimento: inspiro  
e expiro  
fatos consumados.

A criança repete o comportamento  
enquanto a noite se aparenta estável.

13 No pedido não atendido.  
refaço trajetos.

Em entrevistas vidas  
repouso inverdades: prisioneiro  
reduzo o espaço ocupado. A cela  
evoca o sentimento adormecido  
da verdade repetida em gesto.

Faço a consideração inicial  
do ato: minha prática obriga  
o corpo na insensibilidade.

14 Ontem estive na desunião do acaso.  
Mistério e revelação.

Preço incobrável  
do acontecimento.

Há rancor em minhas palavras  
de descrita vida na perturbação  
da descoberta: a saliência sustenta  
a solidão do corpo

o espírito: vaga.

15 Apago luzes  
e vejo o esboço no espelho  
conservado em reflexos: reflito  
o quanto me é contado sobre tudo:  
o que desaprendi enquanto jovem  
aventurado em idades não apropriadas  
ao joio e trigo.

A escuridão reflete o inconsciente.  
Meu cérebro ilumina o sentimento.  
Durmo a hora aprazada: sono  
condensado no espaço utilizado.

16 (A mulher engravida do segundo  
filho: o primeiro observa  
a mudança. Sons  
se fazem poucos. Luzes  
conservadas em madrugadas  
de movimentos).

Após a inconsciência ressurgem  
o significado: aventurado em calmas  
adquiridas. Perturbado  
em filhos sucessivos.

A particularidade na transformação  
do ato em fato induzido.

17 Vendo o bilhete  
na sorte: asseguro  
a existência dos números  
premiados.

Passo a vida  
na percepção da percentagem  
sobre vendas. Sonho  
dias  
de fortunas.

18 A irreverência do sorriso  
nas circunstâncias.  
Inconsequência. Eco.

Barulho irreversível  
das asas em movimento.

Terremoto. Sobre a lava  
rebrotam a flor delicada  
e frágil. O oceano retorna  
suas margens. O riso  
perdura a inconstância.

19 Apago na promessa a certeza  
na tradução irreal do medo  
transparecem encobertas mensagens.

Certifico o inexistente  
traduzido em remediados  
verbos na inação proibida  
à vicissitude: deixo

em branco a folha no preenchimento  
solene do que me é acontecido.

20 A energia desligada remonta o tempo:  
desafio estrelas na ilusão do conhecimento.

Interfiro. Indefiro. Prescrevo.

O período obscuro permite  
a recomposição da sombra.

21 Visto no outro  
espelho discordâncias:  
penso possuir  
a propriedade. Murar  
o terreno na profundidade.  
A água oposta à pedra.

A interioridade do ato no incompleto  
raciocínio. A finitude do fato  
em desenvolvimento entorpece  
a sensibilidade: compreendo  
a imagem:

adormecido no insensato  
busco em mim a criança  
antecedida na solidão..

22 Engano  
erro  
ilusão: vontade de realizar  
o inconveniente  
no menor espaço.

Às vezes erro o alvo  
e me acerto sobre a hora.  
Esquecer as consequências  
condiciona a sobrevivência.

23 Vista encoberta  
em novos prédios. O mar substituído  
pelo concreto. O morro desmatado  
em portas e janelas.

Avisto o animal pacificado  
em domicílio: jaula  
substituída pelo muro  
no apuro da distância.

A descoberta obscurece a vista  
progressivamente indiferente.

24 Calor extemporâneo  
na chuva acidificada. O discurso  
remete a promessa ao suplício  
da intemperança.

A mulher varre a calçada  
o cão busca a sombra  
a água afoga a planta.

Em algum lugar o alarme irrita  
ouvidos sensibilizados na explosão  
dos motores. O cavalo (ainda) serve  
para puxar a carroça.

25 O medo adequado. Temor consumido em vidas. A sucessão dos tremores conduzem a mente. Pesadelos. A avidez do corpo sob cobertas gélidas de épocas remotas. O refluir da inconsciência no escuro anterior da caverna. Medo imposto pela força da tempestade. Sentimento inócuo da não serventia da proteção na luta. O absoluto.

26 O absoluto convencido sobre a oportunidade de matar divindades de sobreaviso. Revisto gavetas em busca do documento assinado ao arbítrio.

No depositar o voto me reconheço no desatino de crer em organizações e métodos. A colaboração incensada na prosa discursiva recheia o texto em palavras expostas. O expoente recupera o número conseguinte e redundante em quase nada: aos deuses considero épocas difusas em acontecimentos.

27 A criança alimentada com o que tenho:  
necessário ao crescimento das palavras  
corporificadas. Riso. Siso.

Indeterminado na manutenção  
da espécie em dias continuados.

O alimento fornece a energia  
insubsistente das realidades  
forjadas ao dia seguinte.

Ontem foi o cedo recomeço  
da matéria.

28 O gato de botas devora distâncias.  
A branca de neve refulge vermelha.

Contraste  
na finalidade.

O concerto harmoniza tons e sons.

A fábula refaz a verdade  
em moralidades: uvas amadurecem.

29 A primeira imagem fantasia  
o temor com que o reflexo  
devolve ao corpo  
o espanto: a casa espelhada  
multiplica a irrealidade.

O personagem se confunde  
em decisões desnecessárias.

A imagem é primazia  
do corpo sobre o espírito.

30 Exercício: o exército regulariza forças  
em demonstrações alegóricas

a continência  
a parada  
a ordem  
o descanso.

Autoriza a obrigatoriedade do sentinela  
e objeta ao grito a concordância. O tratamento  
impessoal das tragédias. Armas refulgem mãos  
habilitadas ao martírio de serem leis  
e ordens estritamente cumpridas.

31 O riso desautorizado  
na seriedade demarcada  
do final da história.

Hirto corpo no desfecho  
da história: herói  
bandido.

A solenidade deságua mágoas  
irrestritas. A salva destoa o rito  
ao imprevisto pássaro.

32 Na esquina a vida  
em idas e vindas. Atravesso  
a rua em concentrado passo:  
guardo o sinal favorável  
à continuidade. Esquinas  
exigem atenção nas escolhas.

Além resido medos  
na incosequência  
da certeza.

33 Esqueletos petrificados  
em abraços: resposta  
à insignificância  
do presente.

Na aparente fuga  
a imagem descobre  
sentimentos impensados:

a verdade coleta  
prejuízo em valores.

34 Derramo lágrimas inocentes.  
A traição no subterfúgio da horizontalidade  
no fato despercebido. Lágrimas escorrem  
meu rosto: traído pela ambição  
mensurada em atos de origem. Oferta  
desproporcionada no montante absorvido.

Compro  
e vendo existências  
em sentidos opostos  
ao rito: traio  
a imensidão do deserto  
afogado em oásis  
desconcertados. Lágrimas  
traduzidas no esboço  
de meros riscos.

35 Incerta idade.

Desdigo opróbrios aos elogios  
alcançados. Ouço a plenitude  
dos dizeres e me amedronto  
em última obsessão.

Calo novidades em ouvidos  
e me faço sombra: amparo  
o esconderijo.

Ao olhar o espaço percorrido  
sei que a vista embaça o passado.

36 Novo entre velhos.

Envelheço. Sou repositório  
em altos mares de escuras luas.

Esclareço questões  
em que o raciocínio falta  
ao significado. Sou juventude  
na coleta de incertezas.

37 Lentamente a placa se desloca  
sobre outra placa deslocada  
milimetricamente: a pressão  
na continuidade do movimento.

(Na superfície)

Troco juras de amor e sofro  
a imperfeição dos lares  
desconstituídos à imagem  
e semelhança das placas  
que me deslocam lentamente.

## **Algumas obras do Autor**

### **Poesia**

Os Objetos e as Coisas  
Livro da Tânia  
A Casa das Gaiolas  
Coleção Poeta em Obras – Vol. I a XII  
Breves Gestos  
Amares  
A Mão que Escreve  
A Pedra Descortinada  
Espaços Desocupados  
O Poeta e as Palavras  
Retratos  
Seres  
A Configuração do Acaso  
A Obra Nua  
A Palavra do Nome  
O Coletor de Ruínas  
A Infinitude dos Sons  
A Árvore pela Raiz  
A Criação Estética  
A Concretude da Casa  
Desnecessidades Reentrâncias & Alguns Reingressos  
Marina em Poemas  
O Dia (A)Final  
Brevidades  
Via Rápida  
O Homem em Curva  
Rudimentos  
A Personificação na Máscara  
Iguais  
Palavras Desenhadas  
O Descrédito e o Vazio  
Tânia  
O Livro Infindável e outros poemas

### **Contos**

Em Contos



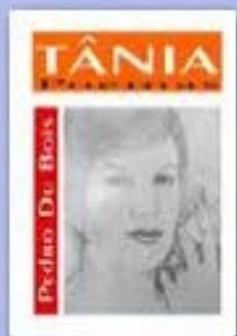
Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Pedro Du Bois**, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Participante do Projeto Passo Fundo.

[pedrodubois.blogspot.com](http://pedrodubois.blogspot.com)



POEMAS semeia a versão da palavra em seu momento inspirador, no inteligente jogo de significados e significantes e, através da palavra, se comunica com a linguagem da liberdade ao criar ideias para os viverem.

ISBN 978-858326195-7



9

788583

261957

Projeto  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Após o futuro